UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

LEANDRO UGGIONI DE SOUZA

VIVÊNCIAS, EXISTÊNCIAIS E RESISTENCIAIS LGBTQIAPN+ NO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO COM ESTUDANTES NUMA ESCOLA PÚBLICA EM CRICIÚMA

CRICIÚMA
2024

LEANDRO UGGIONI DE SOUZA

VIVÊNCIAS, EXISTÊNCIAIS E RESISTENCIAIS LGBTQIAPN+ NO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO COM ESTUDANTES NUMA ESCOLA PÚBLICA EM CRICIÚMA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação

Orientador: Prof. Dr. Alex Sander da Silva

CRICIÚMA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

S729v Souza, Leandro Uggioni de.
Vivências, existênciais e resistenciais LGBTQIAPN+ no ensino médio : um estudo com estudantes numa escola pública em Criciúma / Leandro Uggioni de Souza. - 2024.
95 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2024.
Orientação: Alex Sander da Silva.

1. Homossexualidade e educação – Criciúma (SC). 2. Estudantes de grupos sexuais minoritários. 3. Homofobia nas escolas - Criciúma (SC). 4. Igualdade na educação. I. Título.

CDD. 22. ed. 371.8266098164

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla – CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

LEANDRO UGGIONI DE SOUZA

VIVÊNCIAS, EXISTÊNCIAIS E RESISTENCIAIS LGBTQIAPN+ NO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO COM ESTUDANTES NUMA ESCOLA PÚBLICA EM CRICIÚMA

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 04 de julho de 2024. (data da defesa)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Alex Sander da Silva - Doutor - (UNESC) - Orientador

Prof. Fernando Seffner - Doutor - (UFRGS)

Prof. Gregory da Silva Balthazar - Doutor - (UNESC)

Gostaria de aqui deixar uma dedicatória a meus pais, que mesmo em meio de tantas turbulências sempre estiveram comigo, mostrando que eu conseguiria e chegaria até o fim.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à minha família, especialmente, meus pais que sempre se colocaram presente neste processo que foi o mestrado. Foram momentos de muitas lutas e batalhas enfrentadas para permanecer este sonho, e sempre permaneceram firmes e fortes comigo, acreditando que eu conseguiria realizar todos os meus sonhos, mesmo quando nem eu acreditava que seria possível. Sem eles, nada disso seria possível.

Deixo aqui também a gratidão às minhas irmãs, sobrinhos e cunhados por fazerem parte da minha vida e estar comigo em momentos de muita risada e descontração. Momentos estes que também são importantes neste processo. Agradeço a todos da minha família que estão comigo em todos os dias da minha vida.

Agradeço também ao meu orientador Alex Sander que esteve presente em vários momentos deste processo, momentos felizes, momentos tristes e sempre me ouviu, ouviu meus medos, inseguranças, choros, mas sempre me apoiou e incentivou a minha não desistência do curso. Um dos principais responsáveis por eu ter chego aqui hoje.

Vanessa, Gerusa e Adiles que durante dois anos tivemos ótimos cafés nos intervalos. Agradecer até as broncas que as três me deram e me acalmavam nos momentos de muita agitação e acúmulo de trabalho. Chegava no mestrado achando que não daria conta, mas elas também me incentivaram a continuar e diziam que eu conseguiria.

Não tem como deixar passar aqui alguns amigos especiais que tenho e sou muito grato por tudo. Então deixo meus agradecimentos aos meus amigos: Luis morona, Érica, Caroline Baldessar, Karoline Cipriano, Xanda, Jennifer e Alisson por todos os momentos juntos. Alguns desses foram importantes antes do processo do mestrado, outros durante e outros mais para o final, mas todos eles continuarão sendo importantes ao fim desse processo. Obrigado a todos vocês, pois foram vocês que suportaram meus surtos, e em meio a uma conversa, um bar ou um lanche me apoiaram.

Quero dizer meu muito obrigado a meus camaradas do PSTU, pois no quanto fui militante junto a eles também muito me ajudaram e ajudaram a

compreender o que é a consciência de classe e o quão importante é a luta do movimento LGBTQIAPN+.

Não tem como deixar de fora aqui a Escola de Educação Básica Padre Miguel Giacca, pois foi aqui que fui estudante do ensino fundamental e médio, e retornei como professor de matemática. Estes anos do mestrado, sendo professor no Giacca que também me dava forças para continuar, a escola, os colegas e principalmente, meus alunos que são tão importantes pra mim, que me acolhem, são acolhidos e juntos tentamos construir uma educação pública melhor a cada dia.

Agradeço às minhas professoras do curso de matemática da Unesc, Eloir e Ledina, se hoje sou um professor bem sucedido elas tem uma grande contribuição, todos os ensinamentos delas uso hoje em minhas aulas e sem elas não seria o mesmo professor que sou.

Quero aqui agradecer também à minha hoje então diretora Tati, que nestes anos sempre estava lá conversando com ela, brigando comigo, conversando e rindo muito. Obrigado por todos os momentos e por tudo que fez e faz por mim.

E por fim agradeço a uma professora do ensino médio na qual foi a primeira que contei que eu era gay. Quero agradecer a Elaine, que foi minha professora, hoje é minha colega de trabalho e amiga. No momento que eu precisei contar para alguém que eu era gay, ela estava lá. Ela até deve estar se perguntando ao ler os agradecimentos, porque não a mencionei quando agradeci aos amigos, mas aqui está um parágrafo de agradecimento a ela pois ela foi importante no processo de descoberta da minha identidade.

“Uma data de reflexão, organização e resistência à favor dos direitos da nossa comunidade, que ainda padece de políticas públicas. Que nesse é em todos os demais dias, sejamos vistos como sujeitos de direitos sociais”

Erika Hilton

RESUMO

Esta pesquisa concentra-se na análise da experiência de quatro jovens LGBTQIAPN+ que frequentam o ensino médio em uma escola pública estadual específica em Criciúma - SC. Durante o processo de pesquisa, buscou-se abordar uma questão histórica relacionada à luta, existência e resistência das pessoas que pertencem à população LGBTQIAPN+. Foi elaborada uma narrativa histórica das pessoas LGBTs no Brasil, especialmente, no período de 1964 a 2024, destacando o desenvolvimento do movimento, seu crescimento, desafios e a luta contra a opressão ao longo da história. Também foi realizado um breve levantamento histórico das paradas da diversidade realizadas em Criciúma e Santa Catarina, uma vez que é impossível discutir as lutas LGBTQIAPN+ sem mencionar as conhecidas "paradas gays". Após abordar a luta dessa população, são apresentadas as questões LGBTQIAPN+ na cultura escolar, incluindo documentos orientadores na educação que permitam abordagens sobre esse tema e as experiências LGBTQIAPN+ analisadas pelas entrevistas realizadas com os estudantes. A pesquisa foi conduzida utilizando a metodologia de pesquisa qualitativa, através de uma análise de discurso temático dos jovens entrevistados, cujo tema é as vivências LGBTQIAPN+ na cultura escolar. Para análise dessas narrativas e redação, foram consultados autores específicos como Guacira Lopes Louro, Hiro Okita, Foucault, além de levantamento de teses e dissertações sobre essa temática, bem como livros com o mesmo enfoque. Também foram utilizados documentos que orientam a educação, como a BNCC, LDB, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e o currículo base do ensino médio do território catarinense. As entrevistas realizadas mostraram a percepção dos estudantes de ensino médio sobre o preconceito que existe nas escolas mas para além disso, as vivências, relacionamentos e laços LGBTQIAPN+ que se desenvolve na cultura escolar. Os estudantes apresentaram através das narrações, a relação da família com as questões LGBTQIAPN+, a influência que a religião tem em tal identificação como alguém que faz parte da população LGBT e fizeram relatos das vivências na escola e suas percepções de como são as discutidas as questões LGBTs na cultura escolar.

Palavras-chave: LGBTQIAPN; Cultura escolar; análise de discurso; estudantes.

ABSTRACT

"This research focuses on analyzing the experience of four LGBTQIAPN+ youth attending high school at a specific state public school in Criciúma - SC. During the research process, we sought to address a historical issue related to the struggle, existence, and resistance of people belonging to the LGBTQIAPN+ population. A historical narrative of LGBT people in Brazil was developed, especially during the period from 1964 to 2024, highlighting the development of the movement, its growth, challenges, and the struggle against oppression throughout history. A brief historical overview of diversity parades held in Criciúma and Santa Catarina was also conducted, as it is impossible to discuss LGBTQIAPN+ struggles without mentioning the well-known 'gay pride parades'. After addressing the struggle of this population, LGBTQIAPN+ issues in school culture are presented, including guiding documents in education that allow for approaches on this topic and LGBTQIAPN+ experiences analyzed through interviews conducted with students. The research was conducted using qualitative research methodology, through a thematic discourse analysis of the interviewed youth, whose theme is LGBTQIAPN+ experiences in school culture. For the analysis of these narratives and writing, specific authors such as Guacira Lopes Louro, Hiro Okita, Foucault, as well as theses and dissertations on this topic, as well as books with the same focus, were consulted. Documents guiding education, such as the BNCC, LDB, National Curricular Guidelines (DCNs), and the high school curriculum base of the Santa Catarina territory, were also used. The interviews conducted showed the perception of high school students about the prejudice that exists in schools, but beyond that, the experiences, relationships, and LGBTQIAPN+ bonds that develop in school culture. Through the narrations, students presented the relationship of the family with LGBTQIAPN+ issues, the influence that religion has on such identification as someone who is part of the LGBT population, and reported experiences in school and their perceptions of how LGBT issues are discussed in school culture."

Keywords: LGBTQIAPN+; School Culture; Discourse Analysis; Students.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Interpretação das habilidades da disciplina de projeto de vida 59
Tabela 2 - Identificação dos entrevistados 69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALGBT - Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.
ANVISA – Agência nacional de vigilância sanitária
BNCC Base Nacional Comum Curricular
CNJ - Conselho nacional de justiça
GLBT – Gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros, transsexuais e travestis
GLS – Gays Lésbicas e simpatizanes
GPEMAHC – Grupo de pesquisa em educação matemática: Uma abordagem histórico-cultural.
HIV – Human immunodeficiency virus
LGBT - Lésbicas, gays, bissexuais, trangêneros, transsexuais e travestis
LGBTI - Lésbicas, gays, bissexuais, trangêneros, transsexuais e travestis, queers, intersexo
LGBTQIA+ - Lésbicas, gays, bissexuais, trangêneros, transsexuais e travestis, queers, intersexo e assexual
LGBTQIAPN+ - Lésbicas, gays, bissexuais, trangêneros, transsexuais e travestis, queers, intersexo, assexual e pansexual.
PCSC – Proposta Curricular de Santa Catarina
PDT - Partido democrático trabalhista
PLS – Projeto de lei complementar
PSOL - Partido Socialismo e Liberdade
PSTU – Partido socialista dos trabalhadores unificados
STF – Supremo tribunal federal UNESC – Universidade do extremo sul catarinense

SUMÁRIO

1.1 PERCURSOS, PERCALÇOS E PERSPECTIVAS DE PESQUISAS LGBTQIAPN+: PONDERAÇÕES METODOLÓGICAS..... 15
2 A POPULAÇÃO LGBTQIAPN+ NO BRASIL (1964 – 2024)..... 20
2.1 AS LGBTQIAPN+ NA DITADURA MILITAR (1964 – 1985)..... 22
2.2 AS LGBTQIAPN+ A PARTIR DA REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA..... 27
3 A IMPORTÂNCIA DAS PARADAS DA DIVERSIDADE NO BRASIL..... 40
3.1 UM BREVE HISTÓRICO DAS PARADAS DA DIVERSIDADE NO BRASIL..... 40
3.2 A POPULAÇÃO LGBTQIAPN+ EM SANTA CATARINA..... 42
3.3 A POPULAÇÃO LGBTQIAPN+ EM CRICIÚMA..... 46
4 AS LGBTQIAPN+ NA CULTURA ESCOLAR..... 49
4.1 A PEDAGOGIA DA SEXUALIDADE.....49
4.2 SOCIALIZAÇÃO NA ESCOLA REFERENTE AS QUESTÕES LGBTQIAPN+ .54
4.3 AS VIVÊNCIAS LGBTQIAPN+ NA CULTURA ESCOLAR..... 61
5 VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS LGBTQIAPN+ EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE SANTA CATARINA..... 68
5.1 IDENTIFICAÇÃO DOS ESTUDANTES PARTICIPANTES DA PESQUISA.....68
5.2 RELAÇÃO ENTRE OS ENTREVISTADOS COM A FAMÍLIA E RELIGIÃO..... 74
5.3 AS VIVÊNCIAS LGBTQIAPN+ NA CULTURA ESCOLAR..... 80
CONSIDERAÕES FINAIS..... 89
REFERÊNCIAS..... 91

1 PRIMEIRAS PALAVRAS DE UM PERCURSO: ESTÓRIAS QUE SE APROXIMAM

É de suma importância a trajetória do pesquisador responsável pelo processo de investigação que envolve esta pesquisa. Iniciou a vida acadêmica no ano de 2015, como ingressante na primeira fase do curso de matemática-licenciatura plena na Universidade do extremo sul catarinense (UNESC). Nesta universidade, estudei um período de quatro anos, referente à oito fases do curso. Durante a graduação, participei de projetos de pesquisa ao qual era vinculado ao grupo de educação matemática na perspectiva histórico-cultural (GPEMAHC). Neste mesmo grupo, aprofundo meus conhecimentos relacionados à matemática no qual faria grande diferença quando para o início da minha docência na rede pública.

Logo em 2016, comecei a lecionar como professor na rede pública estadual como professor não habilitado, onde afirmo a minha escolha em ser professor. Entretanto, inserido na cultura escolar, como professor, percebo manifestações LGBTfóbicas neste espaço, no que diz respeito às relações humanas. Me formo em 2018, como professor de matemática e em 2019, começo a militância no partido dos trabalhadores unificados (PSTU),no qual fico até o ano de 2021. Neste partido, participo de discussões sobre gênero e sexualidade, e a militância começa a ser focada nas questões mais referentes às pessoas LGBTQIAPN+. Em 2021, começo a pensar no ingresso no programa de mestrado em educação na UNESC.

Ao ingressar no programa de pós-graduação em educação (PPGE) na Unesc, no início do ano de 2022, a proposta inicial era estudar um conceito específico voltado para professor de matemática, entretanto, acabei por trocar o tema e desengavetar outro projeto e proposta de estudo, na educação, voltado a uma pesquisa referente a questões LGBTQIAPN+. Como parte da população LGBTQIAPN+, afirmo que a LGBTfobia é muito presente na sociedade, digo isto devido a várias manifestações de homofobia aos quais sofri, mesmo antes de ser homem gay assumido, já sofria Bullying e preconceito por meus trejeitos mais afeminados, principalmente, na escola.

Mesmo antes da escola, os amigos de infância não intencionalmente já praticavam algumas ofensas homofóbicas como “te ajeita” ou “se comporte como

menino, ” ou “seja, mais homem”, devido a desde criança não se enquadrar na linha heteronormativa, como já tinha ouvido uma vez, tinha algo “anormal” atrelado a mim.

Devido ao preconceito sofrido na infância e na escola, por muito tempo, neguei a questão de ser gay, mesmo sabendo desde criança que sentia atração afetiva e sexual por pessoas do mesmo sexo. Manifestando, na adolescência, uma maior atração sexual homoafetiva, procurei a “cura”, enxergando a homossexualidade, como uma doença, ou um carma, se analisar as doutrinas religiosas seguidas por mim na época.

Vendo que mesmo praticante das doutrinas e dogmas católicos, observo que quanto a sexualidade nada mudava, procuro uma segunda via, no caso, a igreja evangélica. Esta procura acontece em torno dos quatorze anos de idade. Busquei ajuda em uma igreja evangélica específica, que oferecia rituais de “exorcismo” ou “expulsão de demônios”, tratando a questão homossexual como entidades demoníacas que possuíam o meu corpo, e fizesse com que eu sentisse atrações por pessoas do mesmo sexo.

Nesta segunda busca religiosa, orações foram impostas e processos de “exorcismos”, para uma possível manifestação dos demônios que “habitavam” em mim, segundo os líderes religiosos, dizendo que era uma “pomba-gira” que possuía meu corpo, tratando esta entidade como demônio, sendo que ao fazer esta relação, além da homofobia, há a manifestação de intolerância religiosa por demonizar entidades sagradas de outras religiões e racismo, pois esta entidade é vinda de religiões de origem afro. Para o líder religioso desta congregação, eu precisava entrar na busca pela libertação.

Ao perceber que esta “cura gay” que eu buscava, não existia, desisti desta busca por uma solução dos meus “problemas” nas religiões e passo assumir aos poucos a minha orientação sexual como gay. Primeiramente, na escola para alguns amigos mais próximos e depois para amigos fora da escola até iniciar na universidade em que fiquei dos meus dezoito aos vinte e um anos.

Neste período me envolvi novamente com questões religiosas mas neste momento com mais entendimento e maturidade e posteriormente, dentro deste período assumi minha sexualidade para a família e toda a sociedade, sendo acolhido no seio familiar.

No momento em que largo a religiosidade e continuo o ensino médio, a verdadeira libertação aparece, me aceitando como sou e me sentindo muito feliz,

mesmo com as dificuldades encontradas no caminho e mesmo que somente para algumas pessoas. O apoio familiar foi muito importante para as lutas que apareceriam posteriormente, levando sempre como um privilégio quando comparado a outros LGBTQIAPN+ que não tem este mesmo apoio, sendo muitas vezes marginalizadas pela sociedade. Ao sofrer ataques LGBTfóbicos, ter o apoio dos familiares sempre dava forças para continuar a luta e as resistências.

Como professor das escolas municipais e estaduais do estado de Santa Catarina, percebo a importância de discutir e estudar as questões LGBTQIAP+, pois enxergo nos meus alunos, e colegas de profissão, histórias que se assemelham às minhas em alguns aspectos, sofrendo também preconceitos por não se enquadrarem nos padrões heteronormativos da sociedade.

1.1 PERCURSOS, PERCALÇOS E PERSPECTIVAS DE PESQUISAS LGBTQIAPN+: PONDERAÇÕES METODOLÓGICAS

A importância de pesquisas sobre as vivências LGBTQIAPN+ de estudantes do Ensino médio inseridos na cultura escolar contribuem para compreender as lutas que os estudantes passam no dia a dia escolar. É importante compreender a concepção histórica das LGBTQIAPN+ na sociedade. Como esta aparece e se desenvolve ao longo dos anos. A escola, assim como o ambiente familiar, representa a primeira cultura de socialização dos indivíduos para além do seio familiar. Nela, a criança inicia sua jornada de alfabetização e aquisição do conhecimento formal, além do estabelecimento de laços afetivos de amizade com professores e colegas. Nesse sentido, a escola deve ser um lugar seguro e acolhedor, a fim de que todo potencial biopsicossocial do estudante possa se desenvolver de maneira saudável.

Em muitos casos, estes adolescentes encontram de fato o acolhimento e as boas vivências escolares na qual as experiências LGBTs estão inseridas. No entanto, quando os alunos iniciam suas descobertas acerca da sexualidade e identidade de gênero, caso elas não correspondam ao padrão heteronormativo, pode-se haver um despreparo do corpo docente, gestão escolar e colegas de turma ou da escola.

Em casos extremos, existe a possibilidade da homofobia: manifestações agressivas verbais e/ou físicas, discriminacão, assédio moral, bullying e demais

formas de coerção e estigmatização em função da sexualidade e gênero. Esse fenômeno observável foi documentado por Oliveira (2023), quando este afirma que a homofobia consiste em uma modalidade de violência que ocorre, comumente, em ambientes de convívio coletivo.

O intuito dessa pesquisa, portanto, consiste em dar ênfase às problemáticas e as questões de identidades das proposições acerca da sexualidade e gênero: tratar de fatos e contextos históricos que marcaram a história do movimento LGBTQIAPN+, as grandes lutas por direitos civis e a resistência que a comunidade teve de sustentar para sua própria causa. Bem como, compreender as diversas formas e estratégias que estudantes LGBTQIAPN+ se utilizam para enfrentar as diversas situações de violência e cultivar suas identidades de gênero sexual de gênero.

Muita desinformação assola a escola e os episódios de violência contra os colegiais LGBTQIAPN+ continuam ocorrendo. Diante desse contexto, a atual proposta objetiva não só estudar o desenvolvimento da sexualidade humana e seus conceitos ao longo da história, como também verificar a gênese dos estigmas e pessoas cuja orientação sexual ou identidade de gênero encontra dissonância com a maioria social na cultura escolar.

Em Santa Catarina, estado situado no sul do Brasil, e mais especificamente na cidade de Criciúma, tais manifestações adquirem contornos particulares, refletindo as dinâmicas sociais, políticas e culturais locais. Estes eventos nessas regiões não apenas proporcionam um espaço de celebração e visibilidade, mas também são palco de reivindicações por direitos, enfrentamento à discriminação e construção de redes de apoio e solidariedade. Todavia, não podemos não considerar o fato que Santa Catarina é um estado governado por políticos da extrema direita o que faz com que a população LGBTQIAPN+ tenha diversos enfrentamentos.

Apesar do crescente protagonismo das paradas LGBTQIAPN+ em Santa Catarina e em Criciúma, ainda há lacunas a serem exploradas em relação aos seus impactos e desafios. Questões como a representatividade da diversidade dentro desses eventos, a relação com as políticas públicas locais, os debates em torno da segurança e da acessibilidade, bem como as resistências e oposições enfrentadas durante essas manifestações, emergem como temas pertinentes a serem investigados.

Nos últimos anos, os debates em torno da diversidade sexual e de gênero têm ganhado cada vez mais espaço nas esferas acadêmica, política e social. Dentro desse contexto, é imprescindível examinar as experiências e perspectivas dos jovens pertencentes à população LGBTQIAPN+, incluindo a escola. Esta pesquisa propõe uma análise de discurso focada em quatro jovens estudantes LGBTs do ensino médio, buscando compreender as complexidades de suas vivências, narrativas e resistências em um ambiente muitas vezes marcado pela heteronormatividade e pela invisibilidade das identidades não normativas.

O estudo se insere em um momento crucial, no qual as discussões sobre inclusão, respeito e equidade tornam-se cada vez mais permanentes no âmbito educacional. O objetivo principal desta dissertação é explorar as vozes e as experiências desses jovens, entendendo como eles constroem e negociam suas identidades dentro do contexto escolar, especialmente no que diz respeito aos desafios enfrentados e às estratégias de enfrentamento desenvolvidas.

Para isso, a parte da dissertação referente a cultura escolar se divide nos últimos dois capítulos, no penúltimo as questões referentes especificamente às questões escolares e o último, uma análise detalhada das narrativas dos quatro estudantes participantes, destacando suas experiências, percepções e reflexões sobre sua identidade sexual e de gênero. Por fim, serão discutidas as principais conclusões e contribuições do estudo. Por meio dessa investigação, busca-se não apenas ampliar o conhecimento acadêmico sobre as experiências LGBTQIAPN+ no ensino médio, mas também fornecer subsídios para a promoção de escolas mais acolhedoras para todos os estudantes, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

A partir desse contexto de trajetória pessoal me interesso em trazer para uma pesquisa de mestrado o tema sobre os desafios de estudantes LGBTQIAPN+ diante da cultura escolar. Esta pesquisa tem como problema a seguinte questão: Quais os desafios e vivências enfrentados por estudantes do ensino médio em que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+? Em suas trajetórias, como entender o porquê das lutas desta comunidade se fazem tão necessárias? Para se inserir em tais questões, busca-se cumprir com os seguintes objetivos. Como Objetivo Geral visa compreender os desafios enfrentados por estudantes do ensino médio em que fazem parte desta população. Como objetivos específicos pretende-se: Estudar a questão histórica LGBTQIAPN+ no Brasil, suas lutas e resistências; Identificar as

relações de gênero e sexualidade compreendidas na cultura escolar e analisar a questão da sexualidade em ambientes escolares e os processos de resistências da população adolescente LGBTQIAPN+ em sua formação no ensino médio.

Para contextualizar a pesquisa, apresenta-se inicialmente Okita (2010) para as questões de luta e resistência da população LGBTQIAPN+. Para relacionar educação e sexualidade, o pesquisador usará as obras de LOURO, (1997; 2000; 2004).

Por meio da análise discurso, o pesquisador analisará minuciosamente a entrevista, encontrando, os fatores sociais referentes ao tema pesquisado na fala do entrevistado, interpretando sua fala, gestos e relatos de sua trajetória como aluno LGBTQIAPN+, principalmente na cultura escolar.

> O processo de análise discursiva tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação; podem ser entrecruzadas com séries textuais (orais ou escritas) ou imagens (fotografias) ou linguagem corporal (dança). (Caregnato, 2006).

A forma de produção para esta pesquisa se realizou na forma de uma entrevista com adolescentes LGBTQIAPN+ do ensino médio, esta entrevista será direcionada por algumas perguntas através de um roteiro/questionário, sempre gravando a conversa, escutando os discentes e interagindo com os mesmos, investigando o processo histórico da aceitação primeiramente por eles próprios e futuramente, familiar e escolar, sendo as vivências LGBTs escolares o foco da pesquisa.

A entrevista iniciou-se com uma interação entre o pesquisador e o pesquisado com algumas perguntas já elaboradas pelo pesquisador, para iniciar uma conversa e assim adentrar às questões específicas à aceitação como LGBTQIAP+ e a trajetória escolar, desde o ensino fundamental até chegar no ensino médio.

A estrutura desta dissertação, se forma com base na importância de algumas questões relacionadas ao tema em questão, sendo este, a discussão das experiências e vivências de adolescentes do espaço escolar, em que no primeiro capítulo a pesquisa traz uma questão histórica na importância da luta e resistência da comunidade LGBTQIAP+.

O primeiro capítulo traz a histórias das paradas LGTBQIAPN+ de Criciúma e Santa Catarina e sua importância para esta população. Diante desse panorama, neste capítulo, propõe-se a analisar as lutas e resistências da população LGBTQIAPN+ no Brasil, desde os anos iniciais da ditadura militar brasileira, passando pelos anos de chumbo deste mesmo regime até os dias atuais, destacando as conquistas, os desafios e as perspectivas para o futuro.

No segundo capítulo apresenta-se um pouco da cultura LGBTQIAPN+ de Criciúma e Santa Catarina (SC), inseridas nas paradas da diversidade, tal como as primeiras realizadas e como se formou o movimento mais forte nos últimos anos na cidade de Criciúma.

Já quanto a outras cidades do estado de Santa Catarina apresenta-se mais especificamente a história da parada da diversidade em Florianópolis, já que a capital do estado foi a primeira a realizar uma parada da diversidade, ou como é comumente conhecida, “parada gay”.

Os próximos e últimos dois capítulos apresentam a experiência dos corpos LGBTAIPN+ inseridos na cultura escolar. Para tal entendimento se fez uma análise de discurso de quatro jovens LGBTQIAPN+ de uma determinada escola estadual de Santa Catarina.

No terceiro capítulo relacionado a cultura LGBTQIAPN+ com a cultura escolar, sobre a liberdade de desenvolver alguns trabalhos quanto a esta temática, devido a habilidades e competências tanto na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018) quanto no currículo base do ensino médio do território catarinense (Santa Catarina, 2021). Estes documentos dialogam com a educação catarinense e brasileira dando autonomia ao professor caso queira trabalhar tais temas, considerado pela sociedade como “temas polêmicos”.

O último capítulo é estruturado conforme as entrevistadas foram realizadas com os jovens do ensino médio, tal como suas vivências, familiares, religiosas e escolares. Os alunos descreveram como se identificam quanto a identidade de gênero e orientação sexual e após isso é analisado e relacionado a narrativa dos alunos com o referencial teórico desta dissertação, finalizando está, com as considerações finais.

2 A POPULAÇÃO LGBTQIAPN+ NO BRASIL (1964 – 2024)

Ao longo da história do Brasil, as pessoas LGBTQIAPN+ têm enfrentado uma jornada de lutas e conquistas por seus direitos. Este capítulo aborda a trajetória histórica da formação dessa comunidade, desde registros de LGBTs no país durante a ditadura militar, passando pelo período de redemocratização até os tempos contemporâneos. Explora-se aqui a história de uma parcela da população brasileira que enfrenta desafios e resistências, mas também que vive dentro do Estado brasileiro e merece ter seus direitos respeitados.

A sociedade é composta por pessoas com pluralidade de pensamentos, ideias e comportamentos, diferindo, um dos outros, em raça, gênero, cultura e orientação sexual. O ser humano, ao longo dos anos sofre, com diferentes manifestações de preconceito, aparecendo em muitos momentos como vítimas da opressão que se instaura na sociedade, tais como, racismo, machismo, xenofobia, Lgbtfobia e diversas outras formas de opressão e preconceito em diferentes ambientes sociais. A disseminação do ódio acaba sendo um dos motivos da manifestação dessas opressões nas diversas esferas sociais. Importante ressaltar que este capítulo traz as questões LGBTs no Brasil, tais como suas lutas, resistências, preconceito e vivências na sociedade brasileira de 1964 à 2023.

Muito se houve falar na seguinte afirmação: “O Brasil é o país que mais mata LGBTs”, logo se existe essa manifestação máxima do ódio que é a morte, então há pessoas que fogem da heteronormatividade no Brasil, ou seja, que possuam vivências LGBTs, pessoas que vivem, amam e resistem ao ódio e à violência, que buscam e lutam por direitos, participam de grupos que compartilham de suas semelhantes orientações e vivências sexuais.

Muito comum, encontrar pessoas que não se enquadram neste padrão heteronormativo, seja pela orientação sexual ou identidade de gênero. Importante ressaltar que os indivíduos aos quais pertencem a estes grupos, sofrem com a LGBTfobia ao longo da história, manifestam suas revoltas e indignações por meio de lutas, manifestações tornando-se resistências a esta opressão. Dentro da LGBTfobia, encontram-se as opressões específicas, tais como, a homofobia, lesbofobia, transfobia e assim por diante. Para não separar estas opressões acaba por relacionar o preconceito às pessoas LGBTQIAPN+ como LGBTfobia.

Logo, as pessoas LGBTs existem e resistem na sociedade por muito tempo. Logo, o mesmo acontece na sociedade brasileira. Trazendo tal discussão para o Brasil, a luta LGBT começa a aparecer mais fortemente no fim da ditadura militar e durante o início da redemocratização do Brasil, juntamente com o nascimento e crescimento de alguns movimentos sociais. A população LGBTQIAPN+ é uma das ditas minorias sociais e sofre com a lgbtfobia, enquadrando como crime no Brasil desde o ano de 2019, sendo reconhecido tal crime com a lei n°7716/89, do racismo (Brasil, 1989).

Em se tratando das questões LGBTs, acredita-se em uma abordagem em que a opressão a esta população, nem sempre existiu. Para Okita (2010) a opressão a esta população não existiu sempre, pois, nas sociedades fundacionais, a luta era contra a natureza humana e não contra outros seres humanos.

> Quase todos os estudos históricos e antropológicos exibem um forte preconceito contra as mulheres e os homossexuais. Na sociedade pré-histórica, homem e mulher conviveram em igualdade de condições e, somente no desenvolvimento da sociedade de classes, entre quatro e oito mil anos atrás, começou a opressão à mulher. (Okita, 2010, p. 32)

Devido a toda uma questão histórica na sociedade, o preconceito acaba por aparecer contra esta população e se estende até os dias atuais. Todavia, não somente de opressão viveu ou vive a população LGBTQIAPN+, pois as pessoas que pertencem a esta sigla também são símbolos de resistências, existências e vivências, pois, locais, filmes e toda uma cultura acaba sendo envolvida pelas LGBTs.

Dentre todas estas letras e o símbolo “+” que compõem esta grande sigla, temos como significados, para “L” – Lésbica. “G” – Gays. “B” – Bissexuais. “T” – Transgêneros. “Q” – Queers. “I” – Intersexo. “A” – Assexuais ou Agêneros. “P” – Pansexuais ou Polissexuais. “N” – Não binários e o símbolo “+” sendo este a representação das outras identidades que não se enquadram na heteronormatividade e que não estão aqui listadas.

Diante de todas estas siglas, importante ressaltar que para esta dissertação o foco será nas quatro primeiras siglas, “L”, “G”, “B”, “T”, justifica-se tal feito pela complexidade de abordar todos os temas.

2.1 AS LGBTQIAPN+ NA DITADURA MILITAR (1964 – 1985)

A história da população LGBTQIAPN+ no Brasil é marcada por uma trajetória de lutas e resistências que se estendem desde o período da ditadura militar até os dias atuais. Durante décadas, indivíduos que não se conformavam com os padrões heteronormativos impostos pela sociedade enfrentaram discriminação, violência e marginalização. Nesse contexto, a ditadura militar brasileira, que perdurou de 1964 a 1985, impôs um regime de repressão e censura que afetou profundamente a população LGBTQIAPN+, silenciando suas vozes e limitando suas expressões de identidade e representação.

No entanto, mesmo diante das adversidades impostas pelo regime autoritário, a resistência LGBTQIAPN+ não cessou. Movimentos clandestinos e iniciativas de ativismo surgiram, muitas vezes sob risco de perseguição e violência, buscando afirmar a dignidade e os direitos. Com o retorno à democracia, na década de 1980, a luta pela visibilidade e igualdade ganhou novos contornos, à medida que movimentos sociais e organizações ativistas emergiram com mais força, demandando políticas públicas e legislações que garantissem os direitos e a proteção da população LGBTQIAPN+.

Entre as décadas de 60 e 80 no Brasil, mais especificamente entre 1964 à 1985, brasileiros viveram um regime militar ditatorial, sendo o início da ditadura militar brasileira o ano de 1964, com o que ficou conhecido como o golpe de 64.

Após movimentos como a marcha da família com Deus pela liberdade, um movimento anti-populista e anticomunista brasileiro, formado por pessoas contrárias as reformas de base propostas pelo, na época, então presidente João Goulart, acaba por se realizar o golpe de estado decretado pelos militares brasileiros, e assim inicia um período de grande repressão e violação dos direitos humanos no Brasil. A retórica moralidade pública e dos bons costumes foi central na construção da estrutura ideológica que deu sustentação à ditadura de 1964 (Quinalha, 2018).

Fortemente no período militar, pregavam as práticas dos bons costumes e a moralidade da família brasileira, presente nos discursos da extrema-direita do nosso país até os dias atuais. Como a família tradicional, praticante da boa moral e dos bons costumes era vista como o modelo correto a ser seguido, àqueles que fugiam de tal padrão eram vistos como imorais e em alguns casos, relacionados à perversidade.

Levando em consideração a tal imoralidade brasileira, por muito tempo aqueles que fugiam da heteronormatividade, foram vistos como imorais. Entretanto, é inegável que gays, lésbicas, travestis e transsexuais viveram e sobreviveram à ditadura brasileira, vivendo, resistindo, e lutando junto aos movimentos sociais pelo fim do regime antidemocrático instalado no Brasil naqueles tempos. Logo, o movimento LGBTQIAPN+, na época conhecido como movimento homossexual lutou assim assim pelos seus direitos cívis, sociais e até humanos. Pois, como houve violação dos direitos humanos, logo, grupos de ativistas se levantaram para resistir à ditadura militar brasileira.

> Em meio a essa efervescência toda provocada pelos novos movimentos e pelos debates entre os novos grupos, surgiram também pequenos agrupamentos no Rio de Janeiro e em São Paulo , que colocavam em discussão o problema da sua sexualidade e das restrições impostas aos homossexuais. (Okita, 2010, p. 13)

Ao trazer a questão de 1964 à 1985, é notório que foram violados os direitos humanos de muitas pessoas pertencentes a sociedade brasileira, é importante a ressalva de que foram violados os direitos humanos prioritariamente daqueles ditos pela sociologia, como as minorias sociais. Levando em consideração que não havia nem a citação da declaração universal dos direitos humanos.

> Apesar do retorno à democracia, no período de 1946 até o golpe de 1964, a Declaração não tivera nenhuma influência. Havia uma voz ou outra de juristas ou os internacionalistas, mas nem a sociedade nem o Estado brasileiro levaram em conta os preceitos da Declaração. Não havia referência aos direitos humanos, por exemplo, em como a polícia atuava ou em como eram administradas as prisões nos estados. Nós acordamos para os direitos humanos na ditadura militar, especialmente nos dez últimos anos, entre 1974 e 1985, onde o conhecimento sobre os crimes dos agentes militares cada vez mais se adensara. (Pinheiro, 2020. p. 1)

Durante a ditadura militar, os movimentos sociais começam a crescer, mesmo que inicialmente na clandestinidade, pois, as pessoas começam acordar para os direitos humanos, pois este acaba por afetando maioritariamente as minorias sociais.

Minorias sociais referem-se a grupos que ocupam posição socialmente inferior ou marginalizados pela população. Esta categorização pode ter como base, alguns fatores, tais como, raça, origem étnicas, gênero, orientação sexual,

entre outros. As minorias sociais enfrentam frequentemente discriminação, oportunidades desiguais e podem ter os seus direitos limitados em comparação com a maioria da sociedade. Reconhecer e compreender as experiências das minorias é fundamental para abordar questões de justiça social e promover igualdade.

Assim como já citado, a orientação sexual pode ser um fator na categorização de uma minoria. Ou seja, levando em consideração a orientação sexual de um indivíduo, este pode ser considerado uma minoria social. Citando como exemplo este caso, temos todos àqueles que fogem da heteronormatividade. Como, gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transsexuais e todos aqueles que são parte da população LGBTQIAPN+.

Com a violação dos direitos humanos das mulheres, negros, LGBTs, intensifica ou em alguns casos, nascem na ditadura militar durante a redemocratização do estado brasileiro, movimentos sociais. Os movimentos sociais, são símbolos de luta e resistência em nosso país e cada movimento social, representando a luta de sua minoria conquistou e conquista no Brasil contemporâneo direitos e grandes conquistas da sua população. Os homossexuais, ao lado das mulheres, dos negros, dos indígenas e dos ecologistas, formariam o cenário das lutas reivindicatórias dos anos 80 (Okita, 2010).

No final dos anos 70 no Brasil, surge movimentos, noticiários e militância do movimento homossexual. Em abril de 1978, começava a circular o jornal mensal Lampião de Esquina, considerado a primeira publicação de circulação nacional engajada nas lutas políticas pela imprensa e feita por homossexuais para homossexuais.

O Jornal Lampião de Esquina, ao desafiar a censura e dar voz à população LGBTQIAPN+ da época, durante a Ditadura Militar, destacou-se como um órgão de resistência. Sua contribuição para a luta contra o preconceito e pelos direitos desta população deixa marcas para tal comunidade, lembrando-nos da importância da imprensa independente se para democracia e diversidade no Brasil. O Jornal Lampião de esquina destaca-se como corajoso em sua abordagem aberta da diversidade sexual, pois, deixou uma marca na história da imprensa brasileira. Durante a repressão da ditadura militar se colocou à favor de pautas LGBTs, naquela época em que se pregava a “ordem” e “moral”. Sua coragem ao enfrentar

desafios políticos e sociais, contribuiu para a construção de uma narrativa onde existe luta e resistência da comunidade LGBTQIAPN+.

O Jornal Lampião de Esquina emerge como uma expressão marcante de resistência durante um período difícil na história brasileira, atuando como uma voz corajosa para a população LGBT em meio à repressão social e política. O Jornal Lampião de Esquina, ao desafiar a opressão e dar voz às pessoas LGBTQIAPN+, tornou-se uma peça fundamental na resistência contra a discriminação e na promoção da diversidade, na ditadura militar.

Seu legado testemunha o poder da imprensa independente e corajosa na luta pelos direitos civis e pela inclusão social, iluminando o caminho para as gerações futuras na luta conta a LGBTfobia. O movimento LGBT, antes, movimento homossexual brasileiro (MHB), intensifica suas forças no final dos anos 70, com o grupo de afirmação homossexual (SOMOS). Logo, tanto o grupo somos como o jornal lampião de esquina foram fortes contribuintes para o crescimento da luta LGBTQIAPN+ na sociedade brasileira.

> Em especial, o ano de 1978 representou um marco fundamental na redemocratização do brasil e na história do movimento LGBT. Isso porque dentre as forças políticas que se engajaram nessas lutas democráticas, merece destaque o então chamado “movimento homossexual brasileiro”(MHB). Foi em Maio de 1978, que ocorreu, na cidade de São Paulo, a primeira reunião de um grupo que logo assumiria o nome “somos – Grupo de afirmação homossexual”. Foi o coletivo pioneiro na articulação do MHB que logo se espraiaria Brasil a fora com o surgimento de diversos grupos em outros estados da federação. Além disso, um mês antes, em abril de 1978, começou a circular o jornal mensal lampião de esquina, considerado a primeira publicação de circulação nacional, claramente engajada, nas lutas políticas, travadas pela imprensa alternativa e feita de homossexuais para homossexuais. (Green *et al*, 2018, p. 10)

O grupo desempenhou um papel importante na luta pelos direitos desta população e na promoção da diversidade sexual. Este grupo foi uma das primeiras organizações a trabalhar abertamente na defesa dos direitos dos homossexuais no Brasil. Este grupo se envolveu em atividades de conscientização, advocacia e apoio aos homossexuais. Também serviu como um centro de acolhimento para as pessoas LGBTQIAPN+. Durante um período em que a discriminação contra esta população era significativa, o Grupo Somos buscou desafiar estereótipos e combater a homofobia, contribuindo para a formação de uma voz coletiva para a comunidade. Além do ativismo político, este grupo também esteve envolvido em atividades

culturais, contribuindo para a expressão artística e cultural desta população. O Grupo Somos é considerado parte integrante da história do movimento LGBT no Brasil, por mais que uns anos depois ele acaba se separando devido a divergências ideológicas. Mas não podemos deixar de ressaltar sua importância para a construção do movimento.

> O exemplo do Grupo Somos de São Paulo e a influência do Lampião logo produziram resultados. Durante o verão de 1980, foi realizada em São Paulo uma reunião de vários grupos homossexuais de diversos estados. Visava promover a militância e, entre os temas discutidos, destacavam- -se: a questão da identidade homossexual, as relações entre os membros do movimento homossexual com os partidos políticos, assim como temas relacionados aos seus procedimentos e organização (Green *et al*, 2018, p. 72)

Esses grupos que aparecem durante a ditadura militar, são importantes não só para o movimento homossexual na época mas para a forma com que a sociedade é vista, durante a ditadura de 64, pois, como o governo vinha em seu auge como um governo conservador, de extrema direita, muito se falava em moral, bons costumes e família tradicional, tendo visto como tradicional, uma família com base na heteronormatividade. Com toda essa pregação de moral e tradicionalidade, àqueles que fogem desta contextualização, acabam por sofrer repressão. Mas, na ditadura militar não somente as minorias sociais acabavam por sofrer com a repressão, mas todos aqueles que discordassem ou eram contrários às normas e regras ditas pelo governo brasileiro. Logo, o surgimento de movimentos sociais buscando por seus direitos também foram e ainda são necessários para todos aqueles que acreditam e precisam da democracia.

Recuperar esses fatos históricos não só configura uma importante ação de resgate da identidade deste movimento, como também nos permite vislumbrar um futuro de maiores realizações: mais direitos civis, declínio da desinformação e estigmas sociais, liberdade afetiva e sexual e união das classes.

O grupo somos e o grupo lésbicas-feminista foram percussores da despatologização da homossexualidade no final dos anos setenta e início dos oitenta, por exemplo.

> Nos finais da década de 1970, as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro viram surgir as primeiras formações do ativismo e movimento homossexual, seja pelo lançamento do Jornal Lampião da Esquina, seja pela organização do Grupo SOMOS, que determinam as formas que essa política devia assumir com vistas à inclusão dos homossexuais como sujeitos de direito.

> Foi em torno da questão da legitimidade que a organização política da homossexualidade se produziu entre nós. (Bacci, 2016, p. 31)

Citando brevemente outra situação de resistência e luta por direitos, desta vez das mulheres lésbicas, no início dos anos 80, mais especificamente em 1983, o dono de um bar, chamado Ferro's bar tenta expulsar militantes do grupo da ação lésbico feminista (GALF), a tentativa de expulsão das militantes provocou a primeira manifestação lésbica brasileira, ocorrida em 19 de agosto de 1983 (Oliveira, 2017).

Logo, é importante colocar aqui que tanto o grupo somos como o jornal lampião de esquina e a luta das militantes no Ferros bar, foram movimentos que deram início a luta das LGBTs brasileiras, ainda na ditadura militar.

Todas estas revoltas, grupos, lutas e discussões, foram importantes e percursores da conquista pelos direitos LGBTQIAPN+, tais como da época até o ano atual de 2023. É importante a ressalva de que os avanços que hoje temos para a população LGBTQIAPN+, também se deve, à resistência das gays, lésbicas, travestis e transsexuais que nos antecederam na história.

2.2 AS LGBTQIAPN+ A PARTIR DA REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA

As discussões, polêmicas, movimentos, causas sociais e conquistas por diretos aumenta após os anos 80. O movimento homossexual acaba passando por alguns nomes até chegar os mais comuns como, GLS, depois GLBT evoluindo para LGBT e até chegar na conhecida sigla LGBTQIAPN+.

Até o movimento LGBTQIAPN+ chegar a esta evolução e com este formato na união simbólica destas siglas específicas, esta comunidade passou por muita história. No início dos anos noventa, ficou conhecido o movimento, como movimento homossexual com a sigla GLS (Gays, Lésbicas e simpatizantes), para representa-los. Por muito tempo ficou conhecido com esta sigla, tendo sua primeira mudança somente em 2008. Ouvia-se o termo relacionado à baladas e festas de pessoas do movimento, até que uma maior repercussão do movimento acontecesse ao longo dos anos por meio da mídia, livros e paradas gays. O início do uso da sigla aconteceu em um festival, nos anos noventa.

> Até meados de 1990 os lugares destinados ao público gay eram vistos como guetos. Foi com o Festival Mix Brasil, realizado desde 1993 que André

> Fischer em 1994, criou a sigla GLS. Foi nesta década também que começaram a se destacar na cidade um circuito de casas noturnas, e outros tipos de mídia segmentada, como festivais de cinema, agência de turismo, livrarias, canais de TV a cabo, inúmeros sites, lojas de roupas, entre outros destinados a esse público. (Sutil, 2011. p. 4)

Mas antes do movimento ser conhecido como GLS, de acordo com Fachini (2009) o então chamado “movimento homossexual” nasceu no Brasil em finais dos anos 1970 mesmo não tendo ainda este nome. Transformou-se nos últimos anos em um dos movimentos sociais de maior expressão no país, as LGBTQIAPN+, que hoje nos mostra, força, resistência, luta e empoderamento.

A luta de todos àqueles que representam o movimento LGBTQIAPN+ no Brasil, foram importantes através da história de suas representatividades e lutas, para que hoje, esta população, conseguisse alcançar direitos. Ao longo dos anos a sigla foi sofrendo evolução, passando de GLS para GLBT e depois LGBT até chegar o que conhecemos hoje como LGBTQIAPN+.

> A sigla GLS passou por várias modificações ao longo desses anos. Primeiro passou para GLBT, que diz sobre Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros. Hoje é usada uma nova sigla, LGBT, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. A alteração de GLBT para LGBT aconteceu na I Conferência Nacional GLBT realizada em Brasília no período de 5 a 8 de junho de 2008. A inclusão do L na frente da sigla é para favorecer ao grupo de lésbicas que cresceu vertiginosamente nos últimos anos. (Sutil, 2011. p. 6)

Após esse movimento da vinda do “L” para a frente da sigla, ao longo dos anos outras siglas foram acrescentadas até chegar na qual conhecemos até então como LGBTQIAPN+. A troca da sigla GLBT pata LGBT, ou seja, trazendo o “L” para frente do “G”, nos mostra a importância e crescimento da luta lésbica dentro da comunidade, pois, as mulheres lésbicas, além de sofrerem o preconceito lgbtfóbico, são constantes vítimas de machismo em seu convívio na sociedade. A necessidade desta mudança vem exatamente devido ao machismo que as mulheres lésbicas sofrem de homens gays, dentro do movimento.

Um problema existente nas discussões quantos às LGBTQIAPN+, é quanto a relação que as pessoas fazem do homem gay com a feminilidade e da mulher lésbica como masculinidade, negando assim que um homem gay é homem, pois se identifica como tal, confundindo orientação sexual com identidade de gênero.

A discriminação contra sexualidades que fogem do modelo heterossexual é um processo enraizado em uma ideologia sexual e nos padrões atuais de masculinidade e feminilidade. As relações de poder que definem a sociabilidade humana impõem a heterossexualidade como norma, sendo estas relações que estabelecem a heterossexualidade como padrão para todos. Essa imposição está profundamente enraizada na consciência humana e reflete a construção histórico-social do que é considerado masculino e feminino.

Para Facchini e França (2009), homens predominaram nas organizações do movimento brasileiro, desde suas primeiras fases. O movimento de lésbicas vai se fortalecer e ganhar autonomia somente na segunda metade dos anos 1990. Ressaltando que na época pouco se discutia entre as questões de gênero e sexualidade.

A história, luta, resistência e representatividade de cada letra que compõe a sigla LGBTQIAPN+ é importante para a construção e continuação da resistência, para que as pessoas desta comunidade sejam tratadas de forma íntegra e digna, sem preconceitos, brutalidades e diferenças. Cada um, seja gay, lésbica ou qualquer outra identidade, passa por suas lutas e enfrenta seus diferentes “problemas” na sociedade. Ressaltando que o problema não é a identidade sexual e de gênero, mas sim, a LGBTfobia que mata as L não se enquadram nesses termos e se vêm de forma diferente do padrão heteronormativo enfrentam e enfrentarão questões íntimas.

É essencial caracterizar como de suma importância a luta contra a opressão lesbofóbica, pois o sistema capitalista impõe às mulheres lésbicas, dando ênfase às jovens, e periféricas, situações de extrema vulnerabilidade, causadas pelo desemprego, a falta de lazer nas periferias e o descaso em relação à saúde e a violência física e psíquica, resultantes da combinação de machismo e LGBTfobia. Diante destas lutas, é necessário a união de toda a comunidade LGBTQIAP+, no enfrentamento à LGBTfobia.

> Alguns dos grupos que surgiram, durante a década de 1980, tiveram a sua memória preservada através da produção de alguns boletins, como o Iamuricumá, do Rio de Janeiro (RJ), produzido por um grupo de lésbicas que assinavam com este nome; o Amazonas, produzido por lésbicas do Grupo Libertário Homossexual (GLH), de Salvador (BA); e o ChanacomChana, produzido pelo Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF), de São Paulo (SP). Pode-se dizer que, devido a um privilégio regional característico do sudeste, houveram mais registros de grupos,

> principalmente no que diz respeito ao acesso a uma mídia de massas. (França, 2022. p. 68)

Por mais que a luta lésbica e gay dos anos 80, aparece mais nas cidades do Rio de janeiro e São Paulo, é uma luta que aparece em várias regiões brasileiras, pois em todo lugar existe a necessidade de lutar contra a LGBTfobia e ainda faz-se necessário, enquanto as LGBTQIAPN+ são brutalmente assassinadas, no Brasil.

O “B”, letra que representa os bissexuais, são homens e mulheres que sentem atração sexual ao sexo masculino e feminimo. A bifobia aparece de algumas formas na sociedade e uma de suas manifestações é na caracterização que as pessoas atribuem à bissexuais como “indecisos” ou “em cima do muro”, pois “não sabem se gostam de homem ou mulher”. No Brasil a luta dos homens gays, contribuiu para que hoje os gays tenham por exemplo, o direito à adoção, doação de sangue e ao casamento civil igualitário.

Continuando, a questão dos homens gays e bissexuais, importante registrar, que homens gays foram proibidos de doar sangue até o ano de 2020, justificado pela forma com que tinham suas relações sexuais. Homossexuais nos anos 80 foram colocados como pessoas de fácil transmissão do HIV/aids, mais uma visão preconceituosa da sociedade. Há casos de religiosos que diziam ser a doença/maldição dos homossexuais.

> Nos EUA e na Europa a classificação das fontes de risco e de transmissão já haviam determinado “os 5Hs” (Homossexuais, Hemofílicos, Haitianos, Heroinômanos - usuários de heroína injetável e Hookers - denominação em inglês para as profissionais do sexo) como “culpados” de transmitir a doença até então pouco conhecida. Tais pessoas passam a ser registradas na literatura médica da época como os grupos de risco para a transmissão do HIV/Aids. Desta forma, foram veiculadas pelas mídias de rádio e televisão informações que construíram significados e geraram um grande impacto para a vida dos homossexuais e bissexuais. (Rodrigues; Machado; Maksud, 2023 p. 4).

A humanidade se subdividiria daí em diante em duas supostas metades: gays, sob risco absoluto de contrair o HIV/Aids, e não-gays, a salvo do misterioso mal (Bastos, 2006). A luta pela liberação de homossexuais na doação de sangue começa no início dos anos 2000, onde se examina novamente, a lei que coloca homossexuais como de risco para os que recebem o sangue, afirmando assim, o preconceito e a opressão que se instaura nesta comunidade. Mesmo com o início

da luta em 2003, esta só é vencida em 2020, Quando as LGBTQIAPN+ conquistam esse direito espelhado na sua luta e resistência.

Há muitos anos, a questão da doação de sangue é reivindicada pela comunidade LGBTQIAPN+, fazendo parte das pautas de luta desta comunidade contra a opressão LGBTfóbica, levantando a bandeira de que a proibir homens gays na doação sangue era uma completa manifestação de homofobia.

> Todavia, após ter sido proibida pelo STF a restrição de doação de sangue baseada em determinação de conceitos étnicos, de gênero, de cor, orientação sexual ou qualquer outro direcionamento discriminatório, a ANVISA somente revogou a regra que impedia a prática de doação de sangue por homens que fazem sexo com outros homens mais de um mês após a decisão do STF. “A decisão do Supremo Tribunal Federal vai em encontro ao ideário de que não se pode definir quem deve doar sangue a partir de uma orientação sexual e que contrair uma DST (Doença Sexualmente Transmissível) está relacionada às práticas e comportamentos sexuais de um indivíduo, não com sua orientação”. (Rodrigues; Machado; Maskud, 2023 p. 5).

A luta pela doação de sangue foi uma reivindicação da comunidade LGBTQIAPN+ contra a homofobia. Pequenas reivindicações na luta contra esta opressão, faz a total diferença para lutar por uma sociedade sem LGBTfobia.

Analisando este movimento pela américa latina, dois países que também obtiveram êxito na reivindicação pela doação de sangue por homossexuais, pois, em 2013 na Argentina e em 2015 no México, extingue a proibição de homens gays doarem sangue. Importante conquista dessas nações, para que, em 2020 a liberação fosse acontecer pelo supremo tribunal federal (STF), no Brasil. (Rodrigues; Machado; Maksud, 2023).

Entretanto, por ser uma grande conquista da comunidade, a mídia jornalística pouco fez, para divulgar esta causa, embora, seja uma notícia que contribui para a diminuição do preconceito, campanhas deveriam ter sido apresentadas pela grande mídia, para que esta conquista fosse afirmada diante a sociedade que nos exclui e nos mata a cada dia.

Outra luta ganha nos anos 90, foi importante para o desenvolvimento do movimento LGBT, sendo esta a luta pela despatologização da homossexualidade no Brasil. Este fato representa um passo importante na história da luta pelos direitos LGBTQIAPN+, pois, antes de discutir especificamente o contexto brasileiro, é

importante compreender o contexto global que inclui mudanças de pontos de vista sobre a homossexualidade.

Até meados do século XX, a homossexualidade era considerada uma doença mental em muitos países, incluindo o Brasil. Essa visão patologizante acontecia em sua maioria devido a concepções morais e religiosas, que foram refletidas na classificação internacional de doenças, como a CID (Classificação Internacional de Doenças). Todavia, a luta pela igualdade de direitos e o reconhecimento da diversidade sexual impulsionaram movimentos sociais que questionaram esta grande discriminação que foi a visão da homossexualidade como doença. No entanto, a luta pela igualdade de direitos e o reconhecimento da diversidade sexual impulsionaram movimentos sociais que questionaram essas normas discriminatórias.

> Antigamente o código de organização mundial de saúde (OMS) considerava a homossexualidade uma doença. A referência específica à homossexualidade foi retirada em vários países depois de protestos do movimento homossexual. (Okita, 2010, p. 72)

A virada para a despatologização ganhou impulso internacionalmente durante a década de 1970, quando organizações e ativistas LGBTQIAPN+ começaram a desafiar a classificação da homossexualidade como uma patologia. Em 1992, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou oficialmente a homossexualidade da CID, reconhecendo-a como uma expressão natural da diversidade humana.

No Brasil, a despatologização da homossexualidade também foi um processo gradual e influenciada por mudanças sociais e políticas. Em 1985, a segunda edição do Código Internacional de Doenças (CID-10) retirou a homossexualidade da lista de transtornos mentais, marcando um avanço significativo no reconhecimento dos direitos da comunidade LGBTQIAPN+.

Entretanto, é importante destacar que a despatologização não representou automaticamente uma mudança completa na percepção social e na aceitação plena da diversidade sexual. A discriminação, o preconceito e a violência persistiram, e a comunidade LGBTQIAPN+ continuou a lutar por direitos civis, inclusão e respeito.

Após a despatologização da homossexualidade e com o passar dos anos, o Brasil testemunhou avanços importantes na legislação em prol dos direitos LGBTQIAPN+. Em 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a união

estável entre pessoas do mesmo sexo, e em 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) autorizou o casamento civil entre casais homoafetivos em todo o país.

Apesar dos progressos, é essencial lembrar que a batalha pela igualdade ainda está em curso. A despatologização da homossexualidade no Brasil representa um passo crucial na direção certa, mas desafios persistentes, como a violência contra a comunidade LGBTQIA+ e a busca por igualdade plena, demandam esforços contínuos por parte da sociedade e das instituições.

> É importante situar que a patologização da homossexualidade teve seu início no final do século XIX com sua introdução no campo da psicopatologia, por Krafft-Ebing em 1894. Em seu manual, ele considerava que tudo que fugisse à "normalidade" (hegemonia masculina, heterossexual) era consideravelmente uma perversão. No Brasil, a homossexualidade foi inserida nos manuais médicos e legais - tanto no DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) quanto no CID (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde) - com diferentes terminologias que se pautavam nos pressupostos teóricos sobre a origem da homossexualidade: condições genéticas, hormonais ou sociais/familiares (condições de criação familiar). (Rodrigues; Machado; Maksud, 2023 p. 4).

A homossexualidade, antes descrita nos livros pisiquiátricos como homosexualismo, dando o sufixo "ismo" como relação à doença de ser homossexual, assim como lesbianismo, a doença em ser lésbica, foi tratada como um transtorno mental por anos, levando como justificativa de um parlamentar em 2014 apresentar na câmara dos deputados, um projeto de lei que autoruza a "cura gay".

A cura gay foi um projeto de lei criado pela extrema direita brasileira, em que dava a "oportunidade" de pessoas que viam a homossexualidade como doença, procurassem a cura. Portanto, logo, a notícia se espalhou, fazendo com que houvesse fortes manifestações, da comunidade LGBTQIAPN+ contrários a esta emenda, fazendo com que o movimento LGBT da época levantasse a seguinte bandeira: "Não há cura para o que não é doença".

De fato, não existe uma cura da homossexualidade, por não ser uma doença. Pensar, ou criar projetos de leis que priorizem uma cura gay, é regredir no tempo, é retroceder naquilo em que muitos deram seu sangue para que as questões em relação à sexualidade, deixasse de ser uma doença. Importante frisar que, afirmar ou colocar alguém a um tratamento de cura gay é colocar alguém sob tortura, negar mais uma vez o direito humano de uma pessoa.

Como referência a uma dessas falas que incentivam o preconceito e disseminação do ódio, deixo aqui transcrito a fala de um candidato a presidência da república no ano de 2014. Sua fala, após ser questionado pela candidata Luciana Genro do Psol, quanto as suas propostas às pessoas LGBTQIAPN+.

> Me desculpe, mas aparelho excretor não reproduz. É feio dizer isso, mas não podemos jamais deixar esses que aí estão achacando a gente no dia a dia [gays], querendo escorar essa minoria à maioria do povo brasileiro. (Levy Fidelix – G1, 2014)

Esta foi uma fala em rede nacional de um candidato à presidência da república, frases estas que se tornariam comum nas campanhas de 2018 e 2022, por mais um candidato a presidência da república. A diferença é que este último assume a presidência do Brasil de 2018 a 2022. Logo, às LGBTQIAPN+ teria um inimigo declarado.

Retomando a fala de Levy Fidelix, este, termina sua fala com a afirmação de que as pessoas LGBTs deveriam ser colocadas à disposição de tratamentos psicológicos e de preferência bem longe da “gente” como diz Fidelix.

Trago esta fala, para demonstrar o perigo existente neste tipo de discurso, que acaba por repetir por vários outros parlamentares e líderes religiosos, inclusive nas duas próximas eleições que viria. Repetir estas falas LGBTfóbicas, é assumir e incentivar o ódio a outros seres humanos, é colocar a vida de pessoas que não se enquadram em um padrão imposto pela sociedade em risco.

Observa-se na sociedade e principalmente na cultura escolar que a possibilidade de diálogos e trabalhos para diminuir a opressão e preconceitos, com relação às questões LGBTs tem sido mais aceito sendo realizado, como em jornais, programas de TV, Filmes, séries e livros.

Trazendo uma questão histórica de direitos conquistados por LGBTs no Brasil, não podemos deixar de citar que em 2013, em mais uma decisão importante à comunidade LGBTQIAPN+, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) publicou uma resolução que proíbe cartórios de se negarem a realizar casamentos homoafetivos. O Projeto de lei 612/2011 (Brasil, 2011) sobre o assunto não chegou a ser aprovado pelo Plenário do Senado e foi arquivado no final de 2018. Por mais que o CNJ tenha proibido, cartórios de se negarem a realizar tais casamentos, infelizmente, ainda não é regulamentado em lei no Brasil.

Os anos 2000 foi um período marcante para o movimento LGBT no Brasil, com avanços significativos nos direitos e no ativismo. Vale destacar que, embora a década de 2000 tenha sido marcada por progressos, a luta pelos direitos da comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil é contínua.

Organizações e ativistas concentraram esforços na conscientização e combate à discriminação e violência contra a comunidade LGBTQIAPN+. Campanhas educativas foram lançadas para desafiar estereótipos prejudiciais e promover a aceitação da diversidade.

O ativismo também se concentrou na defesa dos direitos das pessoas transgênero, buscando o reconhecimento legal da identidade de gênero e a criação de políticas públicas que atendessem às necessidades específicas dessa parte da comunidade.

Travestis e transexuais, por exemplo, estão a muito tempo na sociedade, mas há pouco tempo que alcançam espaços como universidades e política. Por mais que a luta por direitos dignos como trabalho e moradia a transexuais e travestis seja uma luta antiga da população LGBTQIAPN+. O Brasil é o país que mais mata esta população pois de acordo com Barbosa, “A desigualdade social, o desemprego, a marginalização, os atos homofóbicos e transfóbicos, tornam o Brasil atualmente a nação que mais mata travestis e transexuais no mundo” (Barbosa, 2017). Nesta sociedade capitalista, onde a importância é o lucro por meio da opressão, faz-se necessário oprimir e explorar travestis e transexuais, ocupando assim, quando empregadas, com as piores condições de trabalho.

A transfobia é muito presente na sociedade, pois esta, espera do indivíduo que cumpra o papel que, para Araújo e Theóphilo (2019), inicia no processo da gestação e nascimento do bebê onde o primeiro reconhecimento de menino e menina se dá através do sexo, ou seja o papel que a sociedade espera que aquele indivíduo ocupe é o que relaciona com o seu sexo biológico, em outras palavras o que nasce biologicamente com um pênis cumprirá o papel de homem e o que nasce biologicamente mulher, cumprirá o papel de mulher, não dando espaço assim, para aqueles que não se enquadram com o sexo biológico ao qual nasceu, neste caso os transgêneros.

> Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se

> portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. Ainda que utilizada por muitos/as, essa concepção pode se mostrar redutora ou simplista. (Louro, 1997, p. 24)

As pessoas transexuais, lutam contra a transfobia diariamente, ouvindo desaforos e piadas nas ruas, sendo muitas vezes objetificadas sexualmente. A transfobia é uma realidade para muitas pessoas trans no Brasil. Elas enfrentam altos índices de violência física e verbal, bem como discriminação no ambiente de trabalho, na educação e em outros setores da sociedade. Todavia, nos últimos anos, muitas conquistas foram alcançadas.

Outro direito muito importante conquistado por pessoas que não se identificam com o gênero ao qual nasceu, foi o direito ao nome social, conquistado em 2018 que as pessoas consigam a troca do nome em cartório sem a presença de um laudo médico, pois as burocracias para se conseguir o direito ao nome social eram gigantescas, fazendo muitas vezes com que as pessoas desistissem da mudança do registro civil.

A compreensão da identidade de gênero é fundamental para abordar a relevância do nome social no contexto brasileiro. Identidade de gênero refere-se à identificação da pessoa em relação ao seu gênero, que pode ou não estar de acordo com o gênero atribuído ao nascimento. A luta por reconhecimento e respeito à identidade de gênero tem sido uma pauta central nos movimentos de direitos humanos às LGBTQIAPN+.

O nome social no Brasil é respaldado por uma série de normativas e decisões judiciais. Destacam-se o Decreto nº 8.727/2016 (Brasil, 2016), que estabelece a obrigatoriedade do uso do nome social nos órgãos do Poder Público Federal, e decisões do Supremo Tribunal Federal (STF) que ratificam o direito ao reconhecimento da identidade de gênero. Apesar dos avanços legais, a implementação efetiva do nome social enfrenta desafios, incluindo resistência institucional, falta de padronização nos procedimentos e desconhecimento da legislação. Esses desafios afetam a capacidade plena de indivíduos transgêneros exercerem seu direito ao nome social em diferentes esferas da sociedade.

O reconhecimento do nome social não apenas impacta a vida individual das pessoas trans, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com a diversidade de identidades de gênero. Ao adotar

práticas inclusivas, as instituições colaboram para a desconstrução de estigmas e promovem a equidade de direitos. O nome social no Brasil emerge como uma ferramenta legal e social crucial na promoção da dignidade, reconhecimento e respeito à identidade de gênero. Seu impacto vai além da esfera individual, influenciando a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, alinhada aos princípios fundamentais dos direitos humanos e da igualdade.

Em 2021, as mulheres trans conseguem o direito de escolher o presídio ao qual cumprissem pena, este é mais um direito humano conquistado, tentando assim contribuir para a diminuição das violência às LGBTQIAPN+ nos presídios.

> Em março de 2021, Roberto Barroso, ministro do Supremo Tribunal Federal, decidiu que as travestis e transexuais que se identificam com o gênero feminino passam a poder escolher cumprir pena em presídios femininos ou masculinos. (STF, 2021).

Muito ainda temos que avançar em relação aos direitos das travestis e transexuais, pois o Brasil ainda é campeão em assassinatos brutais com a comunidade trans. Mas algumas representatividades lutam e são importantes na conquistas da diminuição dessas estatísticas, tais quais, as duas deputadas federais mais votadas no ano de 2022, Erika Hilton (PSOL-SP) e Duda Salabert (PDT-MG). Pela primeira vez na história brasileira, temos duas deputadas federais transexuais. É de suma importância ao movimento a representatividade das mesmas como deputadas federais, pois, além de fortalecer o movimento, mostra também que não só de sofrimento vive a comunidade LGBTQIAPN+, que apesar da LGBTfobia, esta população também é dotada de vivências.

Comprovando a importância delas na política brasileira, a deputada Erika Hilton apresentou um projeto de lei para que existam cotas nas universidades para travestis e transexuais como garantia de cidadania das pessoas trans. Não é de hoje que o movimento reivindica projetos de lei no legislativo, em 2009 Fachini e França já afirmavam a importância da incorporação de leis para a conquista de direito desta comunidade.

> As reivindicações do movimento têm se visibilizado a ponto de suscitarem projetos de lei em todos os níveis do Legislativo, assim como a formação de Frentes Parlamentares em âmbito nacional e estadual. Suas estratégias

> diversificaram-se de modo a incorporar a demanda por direitos via Legislativo e Judiciário. (Fachini; França, 2009. p. 57)

Para compreender melhor o conceito apresentado a mulheres trans e travestis, apresenta-se o que diz Hartmann (2017) sobre o tema:

> O que entendemos como mulheres trans e travestis são pessoas que foram designadas como homens ao nascerem e que em algum momento das suas vidas passaram a se identificar com o gênero feminino. Mas, essa identificação não permanece em um campo subjetivo, passando por uma materialização em seus corpos, seus gestos, suas atitudes e até mesmo em suas ocupações laborais sobre aquilo que é esperado do gênero feminino. (Hartmann, 2017, p. 48)

A sociedade acaba por julgar e ridicularizar as mulheres transsexuais e travestis, por biológicamente ter nascido homem, mas ao se identificarem como mulheres, usam vestimentas, silicones para que pareçam como mulheres. Hartman (2017), ainda afirma por meio de um diálogo com uma travesti, que para terem direito à cidadania, serem tratadas como cidadãs.

Primeiro, precisam ser tratadas como seres humanos. A exclusão que a sociedade impõe sobre este grupo, faz com que as mesmas não se enxerguem como cidadãs, mas o que a cada dia as classifica como cidadãs, são os direitos adquiridos e conquistados ao longo do tempo, que ainda são poucos, mas que são advindos de lutas de muitas mulheres e homens tratados e marcados pelo sangue derramado por estes.

Butler (2003) propõe a teoria *Queer*, no qual é uma das fundadoras desta teoria pois, apesar das críticas ao conceito de gênero como atos performativos, Butler (2003), enxerga o gênero como condicionado por normas. As pessoas denominadas queers, são aquelas que não se encaixam no padrão heteronormativo, não se identificando com o gênero ao qual lhe foi atribuído ao nascimento.

> Pensando nisso e no nosso tema de pesquisa, entendemos que a dicotomia ou o binário está presente não só no homo/hétero, mas no nosso caso, cis/trans, que é a base da marginalização das pessoas trans. Por esse motivo, começar a partir de uma perspectiva queer é fundamental para um trabalho que pretende compreender dinâmicas sociais envolvendo pessoas que são marginalizadas dentro da esfera social. (Hartman, 2017, p. 39).

É de suma importância a representação da letra “T” na sigla pois nos mostra que dentro de toda a história não existiu somente os gays e as lésbicas, mas também as travesti, transexuais e transgêneros, importantíssimas às lutas relacionado a comunidade a qual pertencem e que passam como invisíveis muitas vezes perante a sociedade.

As pessoas transgêneras no Brasil enfrentam desafios e oportunidades, vivendo em uma sociedade que tem passado por mudanças significativas em relação à aceitação da diversidade. O acesso a tratamentos de saúde, incluindo terapias hormonais e cirurgias de redesignação sexual, é uma questão relevante para as pessoas trans. Apesar de existirem serviços de saúde especializados, ainda há desafios, como a demora em obter atendimento e a discriminação dentro do sistema de saúde.

A cirurgia de redesignação sexual (também conhecida como cirurgia de readequação de gênero ou cirurgia de transgenitalização) é um procedimento que algumas pessoas transgêneras escolhem para alinhar seus corpos com sua identidade de gênero. No Brasil, a realização dessa cirurgia segue diretrizes específicas e é parte de um processo mais amplo de acompanhamento médico e psicológico. Aqui estão alguns aspectos sobre como funciona a cirurgia de redesignação sexual no Brasil.

Antes de realizar a cirurgia, as pessoas transgêneras passam por uma avaliação médica e psicológica. Essa avaliação visa garantir que a decisão pela cirurgia seja informada e que a pessoa esteja mentalmente e fisicamente apta a passar pelo procedimento. O processo de redesignação sexual envolve uma equipe multidisciplinar que inclui cirurgiões, endocrinologistas, psicólogos e outros profissionais de saúde. Essa equipe trabalha em conjunto para oferecer suporte e orientação antes, durante e após a cirurgia.

Logo, podemos observar que a partir dos anos 80, as pessoas que fogem da heteronormatividade, começaram a alcançar seus espaços e que nos anos 2000, muitos direitos foram conquistados. O primeiro ainda nos anos 90, a despatologização da homossexualidade e depois, o casamento civil e igualitário, a permissão da doação de sangue, o uso do nome social, entre outros. Importante ressaltar que as LGBTQIAPN+ existem, resistem e vivem nesta sociedade assim como qualquer ser humano.

3 A IMPORTÂNCIA DAS PARADAS DA DIVERSIDADE NO BRASIL

As paradas da diversidade, mais conhecida como “parada gay” pela sociedade, representam eventos de visibilidade e celebração da diversidade sexual e de gênero em todo o mundo, constituindo-se como espaços de resistência e afirmação dos direitos das LGBTs. No contexto brasileiro, essas manifestações ganharam relevância significativa ao longo das últimas décadas, assumindo um papel central na luta por igualdade e reconhecimento.

O dia 28 de junho, ficou conhecido internacionalmente como o dia do orgulho LGBTQIAPN+. Logo, este dia e este mês nos remete a festas, manifestações e muitas paradas da diversidade espalhadas pelo país. Obviamente, não somente neste mês lutamos por uma sociedade livre da LGBTfobia, pois esta luta é diária, entretanto neste mês as mobilizações são maiores.

Hoje no país, temos muitos artistas, famosos, políticos e empresas que são parte da representatividade do movimento LGBTQIAPN+. Tal movimento hoje no Brasil, principalmente, no Rio de Janeiro e São Paulo, são conhecidos por suas grandes paradas da diversidade, que são de suma importância para às LGBTQIAPN+.

As paradas da diversidade, ditas como paradas LGBTs ou como é mais popularmente conhecido, “parada gay” tem seu início no Brasil no final dos anos 90 em São Paulo, dando continuidade e fazendo crescer este movimento até chegar como conhecemos nos dias atuais. Em uma época sem as redes sociais, nem muita representatividade na mídia, as paradas LGBTs eram o lugar onde as gays poderiam mostrar resistência, demonstrar o seu amor e festejar, dizer ao país que elas existem e estão presentes na sociedade.

Estes movimentos ainda são lugares para toda essa representação, só que em maior escala, já que hoje as manifestações nas redes sociais são muito maiores, como grupos de whatsapp, e páginas no instagram que defendem a população LGBT e mostra todos os dias o orgulho em ser de tal população.

3.1 UM BREVE HISTÓRICO DAS PARADAS DA DIVERSIDADE NO BRASIL

O movimento das Paradas LGBTQIAPN+ no Brasil foi inspirado por eventos similares que ocorreram em outros países. A primeira parada conhecida no

Brasil aconteceu em São Paulo, em 1997, e foi organizada pelo grupo Somos. O evento reuniu centenas de pessoas e foi um marco inicial para a visibilidade da causa.

A Parada do Orgulho LGBT de São Paulo se tornou um dos maiores eventos deste tipo no mundo. A primeira edição, em 1997, contou com aproximadamente duas mil pessoas. Desde então, a parada cresceu exponencialmente, atraindo milhões de participantes a cada ano. Ela se destaca não apenas como uma manifestação política, mas também como uma festa de celebração da diversidade.

> O sucesso da primeira edição da parada do orgulho gay, que conserva ainda seu formato e consagrou a Avenida Paulista como centro nervoso dessa manifestação, abriu novos canais de comunicação entre os ativistas e outras instituições em 1997. (Trindade, 2011. p. 73)

O sucesso da Parada de São Paulo inspirou a criação de eventos semelhantes em diversas cidades brasileiras. Ao longo dos anos, paradas do orgulho LGBT foram organizadas em capitais e municípios de diferentes regiões do país, proporcionando visibilidade e promovendo a conscientização sobre os direitos e questões enfrentadas por esta população.

Cada edição das Paradas aborda temas específicos relacionados aos direitos LGBTQIAPN+. A diversidade de pautas inclui a luta contra a discriminação, a promoção da igualdade de direitos, a visibilidade das questões trans, a prevenção ao HIV/AIDS, entre outros. As Paradas têm servido também como palco para a expressão artística, cultural e política da comunidade LGBT.

Cada ano as paradas LGBTs propõe temas. No ano de 2021, o tema da parada da diversidade de São Paulo, foi a prevenção à AIDS/HIV. Relembrando que os anos de 2020 e 2021 era pandemia, então a parada de São Paulo e de outras cidades do país, aconteceu de maneira remota (PASSOS; MELO, 2022).

> O ano de 2021 foi marcado pelos quarentas anos da pandemia de AIDS, e a parada do orgulho LGBT de São Paulo na sua 25ª edição trouxe pela primeira vez o tema HIV/AIDS tendo como slogan “HIV/AIDS: Ame+, Cuide +, Viva +” como objetivo de promover uma oportunidade uma significativa de modificar a relação entre as pessoas LGBTs e a pandemia da AIDS, após décadas de estigma e discriminação. (Passos; Melo, 2022, p. 4)

Assim como em São Paulo outras paradas da diversidade nos anos de 2020 e 2021 aconteceram de maneira remota. Como não havia a possibilidade das festas que eram feitas nos anos que antecediam a pandemia, estas na modalidade não presencial, trouxeram, palestras e palestrantes com um foco mais especial em temas específicos como por exemplo a de São Paulo de 2021 que trouxe a discussão do HIV/AIDS, tema este que assola e assombra a comunidade LGBTQIAPN+, já que estes, foram alvos de preconceito e relacionados à doença durante os anos 90.

Algumas pessoas acabam por levando a críticas as paradas LGBTs dizendo que estas deixaram de ser militância para se tornar festas. Mas além de ser uma festa, as paradas da diversidade vão muito além disso, pois a própria festa, também é importante para a luta, assim como a sua representatividade. Pois, por mais que a parada seja uma forma de militar, não deixa de ser uma festa para celebrar a diversidade.

3.2 A POPULAÇÃO LGBTQIAPN+ EM SANTA CATARINA

Nesse contexto, o capítulo refere-se às paradas da diversidade, esta dissertação propõe explorar estes eventos em Santa Catarina, investigando suas origens, evolução, significados sociais e políticos. Ao analisar as dinâmicas desses eventos, pretende-se contribuir para uma compreensão mais ampla dos movimentos de resistência e afirmação da população LGBTQIAPN+ na região, bem como para o debate sobre políticas públicas e a promoção da diversidade sexual e de gênero.

No ano de 2023, a extrema direita foi dominante na governabilidade do estado de Santa Catarina, sendo governada por um partido desta corrente política, o PL (Partido liberal). Entretanto, tal questão não impede que o movimento LGBTQIAPN+ atue no estado. Com os ataques à população LGBT Catarinense, cresce junto os movimentos de resistência e a necessidade de conscientizar as pessoas quanto à homofobia.

O movimento supracitado, em Santa Catarina, assim como em diversas partes do Brasil, tem buscado avanços significativos em termos de visibilidade, e luta por direitos no combate à LGBTfobia. Em Santa Catarina, várias organizações e grupos têm desempenhado um papel crucial na defesa dos direitos às pessoas da

população LGBTQIAPN+. Isso inclui ONGs, coletivos e movimentos que trabalham para promover a inclusão e a igualdade em diversos aspectos da sociedade.

Muito desses grupos e organizações tem sua origem na capital do estado de Santa Catarina, Florianópolis. A capital tem sido palco de eventos e paradas LGBTQIAPN+ ao longo dos anos. Sendo o primeiro registro da tentativa de uma parada LGBT de Santa Catarina e Florianópolis em junho de1999.

> Era fim de junho de 1999 quando foi realizada a I Parada Gay de Florianópolis. Em notícias publicadas sobre o evento, a ênfase foi dada à palavra "orgulho", tanto em textos quanto em títulos. Uma das participantes afirmou que "não temos que dizer que somos orgulhosos por sermos gay. Nós temos orgulho de sermos seres humanos [...]". (Queiroz, 2014, p.2)

O "medo" e a "vergonha" deram a esta primeira parada da Capital uma característica pouco usual para tais eventos, realizados anualmente em várias cidades do mundo (Queiroz, 2014). Ainda na primeira parada do orgulho gay da capital e do estado de Santa Catarina, havia marcas da época, instauradas pela vergonha das pessoas com o pensamento de como seriam vistas, estando em um movimento onde muitos ainda tinham sua sexualidade reprimida e escondida da sociedade. Mesmo com todo o tabu que era estabelecido para esta questão, na época, a parada foi um sucesso com uma carreata pela cidade, a opção pela carreata se deu ao fato das pessoas que queriam fazer parte deste movimento, sentirem-se mais seguras em seus carros. Durante os anos a luta dessa população na capital e em Santa Catarina veio a crescer, como também sua visibilidade na mídia.

Em 29 de agosto de 2004, Florianópolis anuncia sua "primeira Parada Gay". O evento, porém, além de não ser o primeiro, não chegou a ser realizado naquele ano (Queiroz, 2014). O grande evento anunciado como primeira parada gay, embora tenha sido a segunda, foi enfim realizado em 2006.

> Em fins de junho de 2006, anunciava-se para o dia 09 a realização da 2ª Parada de Florianópolis, ou I Parada da Diversidade. Tiago Silva, em breve entrevista ao jornal, afirmara que não se tratava "de um Carnaval fora de época", não "queremos que as pessoas confundam um movimento social de luta com uma festa. (Queiroz, 2014, p. 18)

A parada da diversidade daquele ano em Florianópolis foi marcada pela luta contra a homofobia e visibilidade das pessoas Gays, Lésbicas, Bissexuais, travestis e transsexuais. AS LGBTs da cidade e do estado se colocaram como movimento social e de luta. Ainda de acordo com (Queiroz, 2014), a parada reuniu em torno de 30 mil pessoas, estando no dia seguinte em jornais e mídias do estado de Santa Catarina.

Em meados de Setembro de 2023, Florianópolis realizou sua 16ª edição da parada da diversidade na cidade, mas este não é um dado para usar como referência para outras cidades, sendo que no oeste catarinense sua primeira parada LGBT foi no ano de 2016 na cidade de Chapecó.

> Aproximadamente 900 pessoas da região e também dos estados vizinhos, Paraná e Rio Grande do Sul participaram da 1ª Parada, realizada na principal praça pública da cidade e ocupando as ruas posteriormente. O ato contou com falas de militantes, que refletiram sobre a importância daquele momento para mostrar a existência da população LGBT da região que foi historicamente invisibilizada, configurando-se como a primeira mobilização da comunidade LGBT em grande proporção na cidade, visando à ocupação de um espaço público para aparição e reivindicação de direitos. (Barp *et.al*, 2022, p. 316)

Em sua 16ª edição, os organizadores da parada de Florianópolis colocaram como tema “Políticas públicas por inteiro e não pela metade”, exigindo assim das autoridades brasileiras um melhor olhar quanto às políticas públicas relacionadas a população LGBTQIAPN+. De acordo com o G1 (2023), o evento reuniu em torno de 100 mil pessoas na Avenida Beira mar norte de Florianópolis.

Essas paradas e eventos não apenas celebram a diversidade, mas também buscam sensibilizar a população e promover o respeito à população LGBTQIAPN+. Como nos outros estados brasileiros, as LGBTs catarinenses enfrentam desafios, incluindo o preconceito e a falta de legislação abrangente que proteja plenamente seus direitos. Dado a esta falta de direitos que se nomeou o tema da 16ª parada LGBTQIAPN+ da capital “Políticas públicas por inteiro e não pela metade”. No entanto, avanços têm sido feitos em termos de reconhecimento legal e social, com debates em andamento sobre questões como casamento igualitário, identidade de gênero e combate à LGBTfobia como no capítulo anterior.

As articulações com outros grupos da sociedade, bem como o apoio de instituições governamentais e não governamentais, são fundamentais para o progresso do movimento LGBTQIAPN+ em Santa Catarina. Atividades educativas e

campanhas de conscientização desempenham um papel importante na mudança de atitudes e na promoção da diversidade. Escolas, empresas e organizações têm implementado programas para sensibilizar sobre questões LGBT.

A cultura LGBTQIAPN+ em Santa Catarina também se expressa através de iniciativas culturais, como festivais, mostras de cinema, e eventos artísticos que celebram a diversidade e promovem a visibilidade de artistas.

Florianópolis possui o Conselho Municipal de Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (CMDLGBT). Tramita na Câmara Municipal da cidade como Projeto de Lei n.º 16.379/2015, de autoria do Prefeito Municipal e protocolado em setembro de 2015 (Kovaleski; Junior, 2017).

Este conselho chamado de CMDLGBT é uma importante conquista do movimento, pois coloca em suas pautas preocupações quanto à esta população. Em uma de suas reuniões de Acordo com Kovaleski e Junior (2017), trouxeram discussões como a situação das mulheres transsexuais e travestis de Florianópolis. Em outros momentos, citaram questões como LGBTfobia em escolas municipais da capital, ou até mesmo como a LGBTfobia caminha com a desigualdade social, racial entre outras questões, pois, discutir a dita minoria social LGBT, acaba por trazendo a realidade de outras minorias sociais que caminham juntas, como a racial por exemplo.

Sendo Florianópolis a primeira cidade de Santa Catarina a realizar uma parada da diversidade, ao longo dos anos, outras cidades tomam a capital como exemplo. De acordo com o site Floripa.LGBT (2023), foram realizadas paradas LGBTs em Florianópolis, Balneário Camboriú e Criciúma. Já em cidades como Blumenau, Lages e Itajaí, há algum tempo estão sem registros de paradas LGBTs realizadas e algumas cidades estão com datas já marcadas para 2024.

Balneário Camboriú, também conhecida como a Dubai Brasileira no ano de 2023, organizou dois eventos, sendo um deles a parada da diversidade e outro a Marcha da diversidade organizada por ONGs e casas noturnas LGBTs da cidade.

De acordo com o site Floripa LGBT, há dois grandes eventos LGBTQIAPN+ acontecem na cidade. O primeiro deles é a Marcha pela diversidade, que aconteceu no dia 5 de novembro de 2023, na Avenida Atlântica. Esta será a primeira edição, que já conta com apoio da organização da Parada de Floripa, da ONG Mães pela Diversidade e de casas noturnas como The Grand e da festa The

Box. Uma semana depois acontece a 9ª Parada da Diversidade, no dia 12 de novembro, também na Avenida Atlântica.

Importante ressaltar a importância de alguns movimentos importantes para a comunidade em Santa Catarina como o site Floripa.LGBT, uma iniciativa para divulgar às questões e notícias sobre as LGBTs de Florianópolis. Neste aparecem questões como empregabilidade e vagas paras às LGBTs, mais especificamente oportunidade às pessoas trans, Saúde , Educação, turismo, enfim, tudo relacionado às questões LGBTs da cidade.

Para finalizar, importante ressaltar que após as primeiras paradas LGBTs de Santa Catarina, coloca-se então Florianópolis como a capital gay brasileira. Na segunda-feira, 10 de julho de 2006, era anunciado nas páginas iniciais do jornal, dedicadas a reportagens especiais: Parada da Diversidade – Florianópolis, a capital gay do Brasil. (Queiroz, 2014). Logo, mesmo com toda a pressão da extrema direito em Santa Catarina, a população LGBT, possui a capital gay brasileira e vive, sobrevive e resiste no estado. O movimento LGBT de Santa Catarina tem mais dificuldade de desenvolvimento no oeste Catarinense mas aos poucos se mobiliza em todo o estado.

3.3 A POPULAÇÃO LGBTQIAPN+ EM CRICIÚMA

No ano de 2021 a cidade de criciúma ficou conhecida por conta dos ataques LGBTfóbicos vindos do até então, prefeito da cidade, Clésio Salvaro. O prefeito já é conhecido na cidade de criciúma por declarações ditas como polêmicas, sempre atacando as minorias sociais. No ano supracitado, as vítimas foram as LGBTs com falas LGBTfóbicas vindas do prefeito.

Em uma escola da rede municipal de criciúma, para uma turma de 9º ano, um professor de artes para suas aulas apresentou aos alunos um videoclipe da música Etérea do Criolo. A música Etérea nos traz uma reflexão sobre a necessidade de quebrar os padrões que a sociedade nos impõe. Sendo um deles o próprio padrão sexual fazendo uma crítica à homofobia.

Após o trabalho do professor nessa escola, acabou por tendo reclamações dos pais com relação aos temas abordados ao professor, após essas reclamações, o próprio prefeito acaba por gravar um vídeo com falas extremamente homofóbicas em suas redes sociais:

> Nós não permitimos. Não toleramos. Está demitido esse, sei lá, profissional. Com essa viadagem em sala de aula, nós não concordamos. E se os pais souberem de algo parecido, que foi exposto aos seus filhos, por favor, entre em contato com o município de Criciúma. O profissional será exonerado de forma imediata, sem chances de continuar sendo funcionário da Prefeitura de Criciúma. (Clésio Salvaro - Cartacapital, 2021)

A repercussão do vídeo foi imediata e o movimento LGBT de Criciúma, logo começou a se movimentar, devido as falas extremamente LGBTfóbicas. No vídeo o prefeito aparece assinando a exoneração do professor, tendo outras versões em que o professor que pede a exoneração após a pressão sofrida pelos pais dos alunos e do número de reclamações.

O episódio acaba por desencadear grandes manifestações nas redes sociais, e o movimento LGBT de Criciúma se une e chama a todos para uma parada da diversidade que há anos não acontecia em Criciúma, sendo esta a 2ª parada da diversidade na cidade e a partir desta parada de 2021, acontece frequentemente cada ano tendo a 3ª em 2022 e a 4ª em 2023.

A palavra “viadagem” acabou chocando a população LGBT, envolvendo outros movimentos sociais nesta luta. A forma violenta e ofensiva dita pelo prefeito mostra a manifestação odiosa do preconceito que é a LGBTfobia. Logo, as autoridades, vereadores contrário a fala do prefeito, e artistas conhecidos acabam por demonstrar suas indignações nas redes sociais como citados abaixo.

> Por este motivo, estamos entrando com uma denúncia no Ministério Público contra o prefeito, pois é inadmissível que a homofobia seja tratada como opinião e que alguém que exerça o maior cargo público de uma cidade se porte desta maneira (Giovana Mondardo - Nd mais, 2021).

A Vereadora Giovana Mondardo (PCdoB), foi eleita nas eleições municipais em 2020, e desde então tem como pauta também a população LGBTQIAPN+, e neste ano de 2021 foi uma das reponsáveis por chamar a população criciumense para a parada da diversidade para manifestar a indignação com a LGBTfobia escancarada influenciada e manifestada pelo prefeito Clésio Salvaro (PSDB).

O próprio cantor Criolo colocou em suas redes sociais a convocação para a parada da diversidade da cidade após as falas do prefeito, assim como Caetano Veloso que posta uma charge em suas redes sociais criticando o prefeito e suas falas odiosas. Logo, a parada da diversidade aconteceu no parque municipal Altair

Guidi, reunindo em torno de mil pessoas de acordo com a Engeplus (2021). Após a parada de 2021 o movimento LGBT de criciúma acaba por criando outras duas paradas nos anos seguintes.

Importante ressaltar que criciúma é considerada uma cidade conservadora, mas isso não impede as LGBTQIAPN+ da cidade de ter suas vivencias e sua cultura na cidade, sendo hoje, em 2023, comum pessoas LGBTQIAPN+ demonstrando seus afetos e carinho pela cidade. Existem lugares e bares na cidade de encontro desta população, como o Bar Monet, que acaba aumentando sua popularidade nos anos de 2018 e 2019, onde às LGBTs da cidade precisavam de um lugar onde se sentiriam livres e seguros. Pois, em 2018, houve uma grande onda de LGBTfobia pela cidade e pelo país, devido a difícil eleição para presidente naquele ano.

Na cidade de Criciúma, está localizada a universidade do extremo Sul Catarinense (UNESC). A Unesc nos últimos anos tem aumentado suas pesquisas referentes às questões LGBTs, assim como discussões em grupos de pesquisa e secretaria LGBT.

O movimento LGBTQIAPN+ da cidade junto com outros movimentos sociais, como o movimento estudantil, tem nos últimos anos crescido na cidade, e voltado mais a sua preocupação com a população LGBTQIAPN+, que andava apagada na cidade.

Após os acontecidos do ano de 2021, o movimento acordou e viu a necessidade da volta da luta e celebração da diversidade, tanto que, movimentações já estão sendo feitas para a parada da diversidade de 2024.

4 AS LGBTQIAPN+ NA CULTURA ESCOLAR

A pedagogia da sexualidade discute quanto às abordagens educacionais que buscam promover uma melhor compreensão, respeitosa e com uma determinada responsabilidade quanto à sexualidade. Essa abordagem reconhece a importância da educação sexual na formação integral das pessoas, visando não apenas à transmissão de informações biológicas, mas também ao desenvolvimento de habilidades emocionais, sociais e éticas relacionadas à sexualidade. Ela vai além da simples transmissão de informações sobre anatomia, reprodução e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, e engloba aspectos emocionais, sociais, culturais e éticos da sexualidade.

A sexualidade é fundamental na vida humana, logo, a educação sexual desempenha um papel crucial na formação de crianças e adolescentes. Abordar a sexualidade de maneira aberta e inclusiva contribui para a prevenção de comportamentos de risco, promove o respeito à diversidade e ajuda a construir relações interpessoais saudáveis.

Este capítulo se estrutura em três subtítulos. O primeiro, intitulado como “A Pedagogia da sexualidade” em que, traz o que é a pedagogia da sexualidade sendo referenciado na autora LOURO (1997; 1999; 2000; 2004). Demonstra a importância da cultura escolar se importar com a pedagogia da sexualidade. Os subcapítulos “4.2” e “4.3”, apresentam a socialização das questões LGBTQIAPN+ e as vivências desta população inseridas na cultura escolar, tais como documentos que norteiam a educação quanto a trabalhar e desenvolver aulas que permeiam a diversidade sexual.

4.1 A PEDAGOGIA DA SEXUALIDADE

Desenvolver o respeito à diversidade na cultura escolar, ajuda na conscientização e mostra a visibilidade dos movimentos que se destinam ao combate à violência e aparecimento da população LGBTQIAPN+, considerando que os adolescentes nos quais fazem parte desta população estão inseridos dentro desta cultura.

Essa abordagem educacional coloca-se a promover o desenvolvimento de uma sexualidade positiva e responsável, encorajando o respeito, a comunicação

aberta, a igualdade de gênero, o consentimento e o entendimento dos direitos sexuais. Levanta-se tal questão como a discussão da pedagogia da sexualidade, pois este estudo considera várias questões já desenvolvidas até chegar neste capítulo, como: diversidade sexual, identidade de gênero, orientação sexual, relacionamento entre os alunos, preconceitos e estereótipos.

> Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como "o segundo sexo" e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual. (Louro, 2004, p. 15)

A educação sexual deve ir além dos aspectos biológicos e abranger dimensões emocionais, sociais e éticas. Isso significa discutir temas como consentimento, comunicação e valores, relacionados à sexualidade humana. Reconhecer e respeitar a diversidade de orientações sexuais, identidades de gênero e expressões de sexualidade é fundamental. A pedagogia da sexualidade cria um ambiente inclusivo e não discriminatório se tratada de forma coerente e considerando a questão de que a sexualidade deve ser vista de forma abrangente e que está envolvida em conceitos como culturais.

Introduzir um diálogo aberto entre educadores, pais e alunos é essencial. Isso permite que os estudantes se sintam à vontade para fazer perguntas, expressar preocupações e receber informações confiáveis.

Além do conhecimento teórico, este trabalho relacionado à sexualidade enfatiza o desenvolvimento de habilidades práticas, como a capacidade de tomar decisões informadas, resolver conflitos e estabelecer limites saudáveis. Essa abordagem é implementada em programas educacionais formais, bem como em iniciativas comunitárias e campanhas de conscientização.

Na visão de Louro (2000), a questão da pedagogia da sexualidade deve ser vista de modo a entender a sexualidade como uma construção social e cultural, influenciada por normas, valores e relações de poder. É importante uma educação sexual inclusiva, que reconheça e respeite a diversidade de experiências e identidades sexuais. Isso implica em desafiar estereótipos de gênero e combater preconceitos, promovendo uma visão mais ampla e plural da sexualidade.

A pedagogia da sexualidade é um conjunto de métodos educacionais que têm/ como objetivo fomentar uma compreensão saudável, responsável e respeitosa em relação à sexualidade. Essa abordagem reconhece a importância de uma educação sexual abrangente, que não se limite apenas à disseminação de conhecimentos biológicos, mas que também promova o desenvolvimento de habilidades emocionais, sociais e éticas relacionadas ao tema. Ela vai além da simples transmissão de informações sobre anatomia, reprodução e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, incorporando também aspectos emocionais, sociais, culturais e éticos da sexualidade. Analisando assim, os aspectos positivos e negativos vistos pela sociedade.

> Os aspectos negativos da construção da homossexualidade no fim do século XIX e no início do século XX são óbvios. O fato de a posição ou identidade do sujeito ser construída não a torna menos real para o identificado. O homossexual foi transformado na figura patológica do perverso ou anormal, um caso de desenvolvimento inter-rompido, um caso que precisa de tratamento – em resumo, uma aberração da norma heterossexual. (Spargo, 2017)

Esta visão das pessoas LGBTs acabar sendo colocadas como anormais ainda é o pensamento de muitos dentro da sociedade brasileira. O ensinamento quanto ao levantamento de questões sobre a sexualidade e a necessidade para que ensine e discuta na escola quanto a população LGBT e o respeito a estes corpos é de suma importância no espaço e na cultura escolar, pois existe uma relação de dominação e poder, como se as pessoas LGBTs e todos aqueles que fogem do padrão heteronormativo imposto estivessem abaixo dos ditos heterossexuais.

Facilmente conseguimos fazer uma análise quanto a questão dos corpos LGBTs destacando como as normas sociais, instituições e práticas disciplinares trabalham juntas para regular, controlar e marginalizar as expressões não normativas de sexualidade e gênero, perpetuando assim a discriminação e a exclusão social.

Existe na sociedade um controle exercido pelo Estado sobre os corpos e vidas dos cidadãos. Isso inclui políticas e práticas que regulam a reprodução, a saúde pública e, por extensão, a sexualidade. No contexto das pessoas LGBTQIAPN+, isso pode se manifestar em leis que criminalizam a homossexualidade, políticas que negam direitos de casamento e adoção, entre

outras formas de discriminação institucional, questões estas que já aconteceram no brasil e ainda existem tentativas de tais atos.

> Os corpos são marcados por uma política que não precisa de leis. (...) Esta política dos corpos – que não é aquela dos legisladores, mas a dos que investem os campos naturais do corpo – se exerce por meio de regulamentos minuciosos e assegurada por um dispositivo de poder específico: a disciplina. (Foucault, 1999, p. 138)

O próprio discurso da sexualidade, que separa todos os comportamentos sexuais em masculinos e femininos, já é uma forma de disciplina, é uma ferramenta de poder e controle. Nesse sentido, a abordagem da pedagogia da sexualidade pode se beneficiar de uma questão que considere que conhecimento é construído e disseminado sobre a sexualidade dentro do ambiente educacional. Isso inclui questionar quem detém o poder de definir o que é considerado "normal" ou "aceitável" em termos de sexualidade e como essas normas são transmitidas através da educação. Observa-se que o estado, a mídia e a igreja teve ao longo da história e em diversos aspectos e ainda detém o poder e o controle sobre a sexualidade, não deixando que esta fuja do padrão heteronormativo imposto pela sociedade patriarcal.

> Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como “o segundo sexo” e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual. (Louro, 2004, p. 15)

Existe uma percepção de que a educação influencia o entendimento do corpo em relação à sexualidade. Pois as normas sociais moldam a compreensão do que é o corpo. Na pedagogia da sexualidade, essa construção social é fundamental para entender como as normas e valores culturais compreendem a forma como os corpos são entendidos em relação à sexualidade. A educação sexual é parte integrante da pedagogia da sexualidade, compreendendo o corpo, desejos e relações sexuais e a forma como isso pode ser visto de diferentes formas dependendo dos sistemas educacionais aos quais o ser humano está envolvido ou de seu contexto social.

O corpo é um lugar de identidade e expressão, o que é relevante para a pedagogia da sexualidade pois esta discuti como as pessoas aprendem a expressar sua sexualidade e identidade através de seus corpos, e como a educação pode impactar esse processo. No caso da cultura escolar a educação da sexualidade pode impactar na questão da liberdade dos alunos, pois, ele entendo a sua questão sexual fugindo da heteronormatividade por exemplo, como algo não errado impede vários traumas, dúvidas e a própria rejeição do próprio corpo como um “corpo” LGBTQIAPN+.

As “regras” e normas de gênero e sexualidade podem ser internalizadas e ensinadas através da educação, contribuindo para a formação da identidade sexual dos indivíduos. Isso está diretamente ligado à pedagogia da sexualidade, que busca compreender e desafiar essas normas para promover uma educação mais inclusiva e respeitosa da diversidade sexual. Contudo não inclui apenas o conteúdo explícito ensinado nas escolas, mas também as mensagens implícitas transmitidas através do currículo, da cultura escolar e das interações entre educadores e alunos.

Logo, ressalta-se aqui, a importância da questão da sexualidade ser uma discussão contínua dentro da cultura escolar, seja como trabalho escolar, projetos, ou palestras. Relacionar essa abordagem à importância de trabalhos nas escolas a favor das pessoas LGBTQIAPN+, é fundamental para promover culturas educacionais seguras, acolhedoras e respeitosas para todos os estudantes, independente de identidade de gênero ou orientação sexual. Estas estratégias, da realização de trabalhos voltados as temáticas LGBTs nas escolas, busca desconstruir estereótipos de gênero e sexualidade, incluindo aqueles relacionados às pessoas LGBTQIAPN+. Ao promover uma compreensão crítica desses estereótipos, ela contribui para a redução do preconceito e da discriminação na escola e posteriormente para além desses espaços.

Logo, é de suma importância a inclusão de conteúdos sobre diversidade sexual e de gênero no currículo escolar. Isso envolve abordar questões relacionadas à identidade de gênero, orientação sexual e expressão de gênero, incorporando valores como empatia, respeito e inclusão nas práticas educacionais. Esta abordagem ajuda a criar uma escola onde todos os estudantes se sintam valorizados e respeitados, independentemente da sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Um dos objetivos de uma pedagogia da sexualidade é combater a discriminação e o *bullying* com base na orientação sexual e identidade de gênero. Isso pode envolver a implementação de políticas antidiscriminatórias, programas de conscientização e intervenções educacionais para promover o respeito e a segurança de todos os estudantes LGBTQIAPN+. Ao reconhecer e valorizar a diversidade sexual e de gênero, a pedagogia da sexualidade promove o empoderamento e a representatividade das pessoas LGBTQIAPN+. Isso pode incluir a celebração de datas comemorativas LGBTQIAPN+, a inclusão de modelos LGBTQIAPN+ nos materiais didáticos e a promoção de grupos de apoio e clubes escolares para estudantes LGBTQIAPN+.

4.2 SOCIALIZAÇÃO NA ESCOLA REFERENTE AS QUESTÕES LGBTQIAPN+

Alguns documentos norteiam a educação básica e são de suma importância na construção dos nossos planejamentos, sequências didáticas e planos de aula. Vivemos em uma sociedade em que os professores em alguns momentos tem medo de trabalhar aulas temáticas relacionando a população LGBTQIAPN+ devido à pressão dos pais. O que defende estes trabalhos são estes documentos e diretrizes da educação, pois algumas habilidades e competências podem ser desenvolvidas e voltas para temáticas LGBTQIAPN+.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, não aborda especificamente as questões quanto à população LGBTQIAP+. Todavia, ela estabelece fundamentos para a educação no Brasil, como por exemplo, a promoção do respeito à diversidade e à pluralidade, sem discriminação ou preconceito de qualquer natureza.

A população LGBTQIAPN+ se enquadra dentro dos princípios da diversidade e respeito. Quando apresenta-se a palavra diversidade, que também está incluso a diversidade sexual, cultural, entre outros amplos aspectos na qual está inserida.

Apesar da LDB não ser mencionar diretamente, a discussão quanto a diversidade sexual e de gênero tem sido incorporada de forma crescente nos debates educacionais no Brasil, especialmente em relação à educação sexual e ao combate à discriminação e ao preconceito nas escolas. Tais trabalhos podem ser abordados como temas transversais nas escolas, como por exemplo, programas e

políticas educacionais que abordem essas questões de acordo com a realidade local e as necessidades da comunidade escolar.

Por mais que a LDB não mencione tais aspectos e discussões diretamente, outros documentos que norteiam a educação podem complementar a LDB utilizando alguns artigos desta quanto a diversidade e pluralidade de ideias., como o Plano Nacional de promoção à cidadania e direitos humanos LGBT.

A LDB, por exemplo, estabelece princípios de respeito à diversidade e valorização da igualdade, que podem ser fundamentais para a implementação de políticas educacionais inclusivas para a comunidade LGBTQIAPN+. O Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos LGBT, por sua vez, oferece diretrizes específicas para promover a igualdade e combater a discriminação com base na orientação sexual e identidade de gênero em diversos setores da sociedade, incluindo a educação.

Essa relação entre os dois documentos pode ser explorada por meio da promoção de uma educação que respeite e valorize a diversidade, combatendo a discriminação e promovendo o respeito aos direitos humanos de todas as pessoas, independentemente da orientação sexual ou identidade de gênero.

Este plano nacional da promoção da cidadania e direitos humanos traz como objetivo para a área da educação. Promover uma educação inclusiva e livre de discriminação, capacitando profissionais da educação para lidar com questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero e garantindo o respeito à identidade de gênero e orientação sexual dos estudantes.

A promoção de uma educação inclusiva e livre de discriminação é fundamental para garantir a igualdade de direitos das pessoas LGBTs. O plano estabelece diretrizes para capacitar profissionais da educação, desenvolver materiais pedagógicos sensíveis à diversidade sexual e de gênero, e promover o respeito à identidade de gênero e orientação sexual dos estudantes.

Este plano vai de encontro ao artigo 3º da LDB quando diz:

> Art. 3º - O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância; V – coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; VI – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; VII – valorização do profissional da educação escolar; VIII – gestão democrática do ensino

público, na forma desta Lei e da legislação dos respectivos Estados e Municípios e do Distrito Federal; IX – garantia de padrão de qualidade; X – valorização da experiência extraescolar; XI – vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais; XII – consideração com a diversidade étnico-racial; XIII – garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida; XIV – respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdo-cegas e com deficiência auditiva. (Brasil, 1996)

As pautas que direcionam as questões de gênero e orientação sexual podem ser relacionadas ao Artigo 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) através do princípio do pluralismo de ideias, diversidade de gênero e orientação sexual e respeito a cada individualidade.

O princípio do pluralismo de ideias estabelece que diferentes visões, devem ser respeitadas e consideradas no ambiente educacional. Ou seja, as escolas devem oferecer espaço para o debate e a reflexão sobre uma variedade de temas, incluindo questões de gênero e orientação sexual, sendo estas duas pautas mencionadas, a inclusão das discussões sobre tais temas no currículo escolar promovendo o pluralismo de ideias ao valorizar as diferentes experiências e identidades de pessoas., contribuindo de tal forma com para a construção de uma cultura escolar mais respeitosa e aberta para tais discussões, para que aumente o número de estudantes que se sintam representados e acolhidos.

Importante ressaltar que, ao promover o pluralismo de ideias, entende-se a importância de respeitar a individualidade de cada aluno, incluindo assim aqueles que são parte da população LGBT e unindo e trabalhando a conscientização do preconceito, daquele que não faz parte de tal movimento. Isso cria um ambiente propício para o desenvolvimento pessoal e social dos estudantes e de toda comunidade escolar, onde eles se sentem seguros para expressar quem são.

Outro documento importante norteador da educação é As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCNEB), que estabelecem orientações para a organização e o desenvolvimento dos currículos escolares no Brasil. Estas diretrizes não apresentam propostas voltadas especificamente para as pessoas LGBTQIAPN+. Todavia, as DCNEB ressaltam a importância da promoção da equidade, da diversidade e do respeito às diferenças como fundamentos para a educação inclusiva. Logo, ressalta-se a necessidade de incluir um currículo que considere a pluralidade cultural, étnico-racial, de gênero, orientação sexual e de condições sociais, econômicas e de saúde dos estudantes, visando garantir a

igualdade de acesso, permanência e sucesso escolar para todos, assim como outros documentos que norteiam a educação necessitam também, abranger tal preocupação, como a BNCC e a proposta curricular de Santa Catarina, onde até se apresenta questões voltadas para a diversidade e questões raciais, mas pecam em especificar algo diretamente para questões da população LGBTQIAON+.

Por mais que não há essa especificação de um proposta voltada para a população LGBTQIAPN+ escolar, as DCENEB, apresentam uma base para que as escolas e sistemas de ensino promovam discussões e trabalhos quanto a diversidade num modo geral, podendo abordar questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero como parte de uma abordagem mais ampla de promoção dos direitos humanos e da cidadania, tal discussão pode ser feita em algumas disciplinas como sociologia, história, artes entre outras, como temas transversais.

A diversidade, conforme aparece nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana é uma característica fundamental da sociedade contemporânea, refletindo não apenas diferenças superficiais, mas uma riqueza de experiências, identidades e perspectivas. Ela mostra uma variedade de dimensões, incluindo raça, etnia, gênero, orientação sexual, identidade de gênero, origem socioeconômica e habilidades. É essencial reconhecer, valorizar e celebrar essa diversidade em todos os contextos educacionais e sociais

Importante ressaltar que as políticas educacionais complementares, diretrizes e programas específicos podem ser desenvolvidos em níveis estaduais e municipais para abordar de forma mais direta as questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero no contexto educacional, com a busca de promover o respeito, a igualdade e a garantia dos direitos humanos para todas às LGBTQIAPN+.

A base nacional comum curricular (BNCC), traz em sua composição habilidades e competências para serem desenvolvidas e apropriadas pelos alunos, assim como, são detalhadas no currículo base do Ensino Médio no currículo catarinense. Algumas habilidades direcionadas para algumas disciplinas do novo ensino médio, dão ao professor autonomia para fazer trabalhos quanto ao combate ao preconceito e diminuir os impactos e sofrimentos que alunos da população LGBTQIAPN+ sofrem dentro da cultura escolar, pois, trazendo a discussão a cultura

escolar, esta, não é espaço só de sofrimento e preconceito, mas também lugar de encontros, vivências e aceitação.

Analisando o currículo base do ensino médio do território catarinense, observa-se que algumas habilidades podem ser trabalhadas e desenvolvidas para a questão da diversidade sexual. Na disciplina de projeto de vida, disciplina implementada em Santa Catarina nas escolas estaduais e algumas particulares no ano de 2021 para todas as escolas e um pouco antes nas escolas piloto, nos apresenta algumas habilidades que dão liberdade ao professor desenvolver trabalhos e projetos voltados para a população LGBTQIAPN+.

Tanto a BNCC, o currículo base catarinense e a proposta curricular de Santa Catarina colocam a importância de trabalhar a diversidade como princípio formativo. É nítido na PCSC de 2014 que há uma obrigatoriedade de trabalhar as várias formas de diversidade na organização do currículo base para os estudantes de Santa Catarina, tanto que a PCSC afirma o seguinte:

> É para aqueles que as diretrizes encaminham formas específicas de ensinar, aprender e de organizar a escola, como é o caso dos indígenas, dos quilombolas, sujeitos do campo, sujeitos da educação especial que têm garantido o seu direito à educação e à acessibilidade por meio de atendimento educacional especializado às suas necessidades específicas; e também para aqueles que se reconstroem em seus direitos, em suas identidades, nos movimentos de direitos humanos (Santa Catarina, 2014, p. 57).

Essa afirmação destaca a importância das diretrizes educacionais em orientar as formas de ensinar, aprender e estruturar as escolas, especialmente em relação a grupos específicos como indígenas, quilombolas, pessoas do campo e da educação especial. Esses grupos têm direito à educação e acessibilidade garantidos através de atendimento especializado que considera suas necessidades particulares. Mas, esta parte da proposta curricular de Santa Catarina pode ser interpretada para além disso, o texto também aborda a relevância das diretrizes para aqueles que buscam reconstruir seus direitos e suas identidades, especialmente no contexto dos movimentos de direitos humanos. Logo, a diversidade abordada nos documentos que norteiam a educação pode ser interpretada como todo tipo de diversidade que tenha o direito humano violado, logo, a diversidade cultural pode ser desenvolvida com os alunos e diferentes povos de Santa Catarina que tiveram seus direitos violados, como as comunidades indígenas e quilombolas ou mesmo os

preconceitos que lésbicas, gays, travestis e transsexuais passam, quanto sua diversidade sexual.

Na análise do currículo base, observa-se que existem habilidades ali implementadas em algumas disciplinas tanto da grade obrigatória, quanto da grade eletiva que abordam a importância que tem a população LGBTQIAPN+ e seus preconceitos. Uma disciplina que traz tal liberdade de trabalho ao professor, é a disciplina de projeto de vida. O projeto de vida é uma disciplina que traz três dimensões para ser desenvolvida no novo ensino médio, a dimensão pessoal, a cidadã e a profissional (Brasil, 2018).

Esta unidade curricular traz eixos estruturantes a serem desenvolvidos como: Autoconhecimento, identidade e diversidade, especificando algumas habilidades específicas para tais questões. Abaixo segue uma tabela com as habilidades e objetos do conhecimento, retiradas do currículo base do Ensino médio do território catarinense (2021), relacionadas com a unidade curricular projeto de vida.

Tabela 1 - Interpretação das habilidades da disciplina de projeto de vida

Habilidade	Interpretação da habilidade pelo autor quanto às questões LGBTQIAPN+
1. Identificar os aspectos que conferem sentido à vida humana e a própria existência, em particular	Essa habilidade envolve a capacidade de reconhecer e compreender os elementos que dão significado à vida humana e à própria existência, com um foco específico na perspectiva da diversidade sexual. Isso inclui a reflexão sobre as diferentes experiências, identidades e orientações sexuais que fazem parte da diversidade humana. Ao identificar esses aspectos, os alunos podem desenvolver uma compreensão mais profunda das necessidades, desafios e aspirações das pessoas LGBTQIAPN+. Isso pode ajudá-los a construir projetos de vida mais inclusivos, respeitosos e empáticos, tanto em nível da dimensão pessoal quanto cidadã.
2. Problematizar o enfrentamento dos desafios dos jovens e sensibilizar para o fazer.	Essa habilidade nos leva a trabalhar questionamentos de como os jovens lidam com os desafios que enfrentam e criar uma conscientização sobre a importância de agir diante de tais desafios. Através desta habilidade, pode ser construído objetivos como: Problematizar o enfrentamento dos desafios dos jovens, neste caso, seria importante questionar e examinar como os jovens LGBTQIAPN+ enfrentam os desafios relacionados à sua identidade sexual. Isso pode incluir questões como discriminação, exclusão social, bullying, falta de apoio

	familiar, entre outros.
3. Promover ações de enfrentamento de preconceito, discriminação, intolerância e as diferentes formas de violência.	Entende-se com esta habilidade aé importância de estimular e incentivar a realização de ações que lidem diretamente com o preconceito, a discriminação, a intolerância e diversas formas de violência. Essas ações podem incluir programas educacionais, campanhas de conscientização, políticas institucionais, intervenções comunitárias, entre outras, dessa forma, lida diretamente com questões como por exemplo, educar as pessoas sobre a importância da diversidade e da igualdade para desafiar estereótipos prejudiciais, denunciar casos de discriminação e violência, e fornecer apoio às vítimas que sofrem com tal opressão.
4. Agir com empatia, sendo capaz de assumir as perspectivas dos outros, compreendendo as necessidades e sentimentos alheios, construindo relacionamentos baseados no compartilhamento e na abertura para o convívio.	Esta habilidade significa não apenas sentir empatia, mas também colocar essa empatia em ação. Isso envolve não apenas entender os sentimentos dos outros, mas também responder de maneira apropriada a esses sentimentos. O estudante deve assumir as perspectivas dos outros: ser capaz de ver as coisas do ponto de vista de outra pessoa, tentando entender como elas se sentem e por que se sentem assim. Requer flexibilidade mental e a capacidade de suspender o próprio ponto de vista em favor do ponto de vista do outro.
5. Compreender o protagonismo e a identidade dos diversos sujeitos históricos (Crianças, juventudes, idosos, mulheres, população LGBTQIA+, negros, quilombolas, indígenas, pessoas com deficiência, povos originários, entre outros.	Compreender o protagonismo significa reconhecer o papel ativo e significativo que cada grupo desempenha na sociedade, seja na história, na cultura, na política ou em outros aspectos. Reconhecer o protagonismo é entender que esses grupos não são apenas passivos, mas têm influência em suas próprias vidas e comunidades. Cada grupo tem sua própria história, cultura, valores e desafios específicos. Essa habilidade engloba grupos sociais, incluindo crianças, jovens, idosos, mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, negros, quilombolas, indígenas, pessoas com deficiência, povos originários e outros, reconhecendo a diversidade desses grupos para uma compreensão completa da sociedade e da história.

Fonte: Do autor (2024)

Relacionando essas habilidades às questões de diversidade sexual, seria importante criar um diálogo aberto sobre as experiências dos jovens LGBTQIAPN+ e identificar as principais barreiras que enfrentam, desenvolvendo estratégias para superá-las. Envolvendo campanhas de conscientização, programas de educação sexual inclusiva, políticas antidiscriminatórias e a promoção de uma cultura de respeito e aceitação da diversidade.

As escolas podem integrar essas questões de forma transversal no currículo, por exemplo, através de atividades educativas que promovam o respeito às diferenças, a valorização da diversidade e o combate à discriminação. Além disso, programas e políticas educacionais desenvolvidas em níveis estaduais e municipais podem complementar a BNCC ao abordar mais diretamente as questões LGBTQIAPN+.

Algumas competências gerais da BNCC também podem ser trabalhadas em conjunto como por exemplo, a competência geral número 7 da BNCC, que aborda o respeito ao ambiente natural e social, bem como a cooperação e a solidariedade entre os indivíduos e grupos, pode ser interpretada como uma orientação para promover o respeito à diversidade de identidades e orientações sexuais.

Além disso, a competência específica número 7 do Ensino Fundamental, que trata da compreensão e valorização da pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro e mundial, pode ser utilizada para promover o respeito e a valorização das diferentes identidades de gênero e orientações sexuais.

É importante ressaltar que a interpretação e implementação dessas competências devem ser feitas de acordo com o contexto e as necessidades específicas de cada comunidade escolar, bem como em consonância com os princípios da educação inclusiva e dos direitos humanos.

Embora essas diretrizes não mencionam explicitamente a orientação sexual e as questões LGBTQIAPN+, elas fornecem uma base para que as escolas e os educadores possam abordar esses temas, garantindo um ambiente escolar que promova o respeito, a igualdade e a valorização da diversidade em todas as suas formas.

4.3 AS VIVÊNCIAS LGBTQIAPN+ NA CULTURA ESCOLAR

De acordo com um levantamento feito pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), o Brasil lidera o ranking dos países que mais mata pessoas que são pertencentes à comunidade LGBTQIAP+. O Brasil de um modo geral, evoluiu no decorrer dos anos, criminalizando a homofobia, legalizando o casamento gay em, por mais que ainda não seja garantido em lei, liberando, homens gay de doar sangue, e assim seguindo na luta contra o preconceito e a opressão cruel destinada a esta população. Todavia,

esta evolução não faz com que a sociedade desvie seu olhar para com esta comunidade, pois o Brasil ainda é campeão em morte de pessoas LGBTQIAPN+, e a manifestação deste preconceito ainda é presente nos espaços frequentados por estas pessoas, como, praças, escolas, restaurantes, entre outros espaços, importantes para o convívio social, principalmente na escola, onde o indivíduo passará dos 4 aos 18 anos, normalmente. Sendo assim, a escola é um lugar de vivência de todos os estudantes. É um espaço de relação e contato com outros seres humanos.

> Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. Muitas outras instâncias sociais, como a mídia, a igreja, a justiça etc também praticam tal pedagogia, seja coincidindo na legitimação e denegação de sujeitos, seja produzindo discursos distantes e contraditórios. (Louro, 2000. p. 24)

A pedagogia da sexualidade citada por Louro, acaba por determinando dogmas e doutrinas impostas pela sociedade, pois, por mais que a nação brasileira defenda o estado laico, é um país majoritariamente cristão, refletindo nas escolas as doutrinas religiosas cristãs. Um dos pensamentos cristãos que são reproduzidos nas escolas é a afirmação da relação sexual entre homem e mulher como o correto, já importo também pela sociedade patriarcal. O Brasil é um país, que possui como maior religião o catolicismo, seguido da religião evangélica, tal questão acaba por influenciar na questão LGBTQIAPN+ e em suas relações em diversos espaços sociais.

Sabe-se que a instrução formal é basilar para o processo de desenvolvimento humano e que, em nosso país, configura uma garantia constitucional. Conforme o artigo 205 da Carta Magna de 1988, concerne ao Estado a obrigatoriedade da oferta de uma educação plural e de qualidade. A escola, nesse sentido, corresponde não só ao local de aprendizado e interação social, como também à estrutura de formação dos papéis desses indivíduos dentro da sociedade. Para Louro (1997) a característica fundamentalmente social e relacional do conceito não deve, no entanto, levar a pensá-lo como se referindo à construção de papéis masculinos e femininos, nos quais a sociedade tenta impor aos indivíduos.

No contexto das sociedades de classe do sistema capitalista, a escola em seu sentido qualitativo corresponde ao privilégio das elites, sua expansão para o

povo se dá na forma de geração de mão de obra a ser explorada com a difusão dos valores da classe dominante (Saviani, 2011). Pode-se inferir, portanto, que as opressões do capitalismo se replicam em todas as instituições sociais, incluindo a escola.

Na dinâmica do capitalismo, as opressões são incorporadas no processo de superexploração da força de trabalho e a escola não difere dessa lógica quando se utiliza também dos meios opressivos para disseminar os valores das elites. Assim, o ambiente escolar também se enquadra e se utiliza das formas de opressão. Ou seja, a opressão na escola é importante para manter o sistema e os interesses das elites.

Quanto às questões inerentes às temáticas LGBTQIAPN+ na cultura escolar, deve-se dar ênfase ao público protagonista da instituição: os estudantes. Nesse espaço, os relacionamentos interpessoais e as demonstrações de afeto se consolidam de maneira natural. Talvez, uma provável explicação para a forma como essas relações ocorrem organicamente, esteja na perspectiva de que cognição e afetividade são dimensões indissociáveis da psique humana, uma crescente corrente de pensamento que desafia a dicotomia de afetividade e intelecto no ensino (Vasconcelos, 2004).

As relações afetivas são heterogêneas, ou seja, não há uma forma única de construir os vínculos afetivos. Consequentemente, os relacionamentos interpessoais podem ocorrer de diferentes maneiras dentro da escola. Todavia, quando esses vínculos se separam do padrão heteronormativo, não raramente, atos de homofobia podem ocorrer. Muitas vezes, esses atos discriminatórios não são praticados somente pelos estudantes das instituições, mas pelo corpo docente ou equipe gestora da escola.

Os alunos, cada vez mais, têm demonstrado sua afetividade e reconhecido sua orientação sexual para além da heterossexualidade. Outro ponto significativo tem sido o momento de suas descobertas; cada vez mais cedo, os estudantes se identificam como homossexuais, lésbicas, bissexuais, transexuais entre outras identidades e gêneros. Essas descobertas podem vir junto com manifestações de preconceitos e discriminações quando não abordadas com cautela e sensibilidade por todos os integrantes da instituição de ensino.

Recentemente, o debate nas escolas acerca das temáticas de gênero e sexualidade têm visto uma discreta evolução, o que pode favorecer a aceitação e

acolhimento dos indivíduos minoritários pela comunidade escolar. No entanto, não se trata de uma mudança significativa, principalmente quando há demonstração pública de afeto e carinho entre pessoas de mesmo sexo. Ferreira (2011) concorda com tal cenário quando afirma:

> Os comportamentos afetivos entre jovens no espaço escolar são comuns e frequentes. Qualquer pessoa que trabalhe ou visite uma escola com alunos com mais de 13/14 anos, certamente, presencia diversos comportamentos afetivos entre jovens. Estes comportamentos não têm qualquer consequência negativa para os jovens envolvidos; mas se os comportamentos ocorrem entre jovens do mesmo sexo a realidade é substancialmente diferente. Neste caso é frequente existirem atitudes discriminatórias por parte da comunidade educativa, que podem incluir situações de agressão e de *bullying*. (Ferreira, 2011. p. 61)

Quando falamos em preconceito, este envolve toda a comunidade escolar, a qual engloba alunos, pais, professores e direção. A liberdade e/ou possibilidade de desenvolver trabalhos educativos sobre as questões LGBTQIAPN+ Muitas vezes são boicotadas pela própria direção de ensino, devido ao receio das possíveis más interpretações que possam ocorrer por parte dos pais.

Muitas vezes, propostas apresentadas por determinados grupos de professores em escolas, para o calendário anual, é rejeitado pela gestão escolar e orientação pedagógica. Em alguns momentos por medo de pais e da comunidade escolar que pode demonstrar suas manifestações LGBTfóbicas. Mas é um medo a ser superado, pois existe, discentes e as vezes até docentes, necessitando que atitudes devam ser tomadas na escola para a diminuição do preconceito que assola esta população.

Quando falamos em preconceito, este envolve toda a comunidade escolar, a qual engloba alunos, pais, professores e direção. Não raramente, a liberdade e/ou possibilidade de desenvolver trabalhos educativos sobre as questões LGBTQIAP+ são boicotadas pela própria direção de ensino como já supracitado, devido ao receio das possíveis más interpretações que possam ocorrer por parte dos pais.

Precisa-se de uma escola que discuta o preconceito em todas as suas manifestações e que desenvolva projetos que abordem as temáticas de sexualidade e gênero. Essas ações, idealmente, deveriam iniciar na formação dos professores, a fim de que estes possam lidar com as possíveis dúvidas acerca do assunto, elaborar

projetos de fomento à educação acolhedora e combate à discriminação no ambiente escolar.

A escola, deve voltar seus olhares, para os alunos que não se enquadram nos padrões heteronormativos, garantir que estes tenham liberdade de expressão e sintam segurança na escola, sendo a escola visto socialmente como um lar de aconchego e segurança pela sociedade, embora na prática, enfrente muitos desafios quanto a esta problemática.

Para que isso possa ocorrer, o incentivo da comunidade escolar de extrema importância nas aulas, dialogando sobre a sexualidade e suas diferentes combinações, pois, podem ajudar nesta luta de conscientização da diversidade sexual.

O estudante que manifestar uma orientação sexual ou de gênero dissonante da maioria não deve ser atacado ou violentado, mas sim, deve se sentir seguro e acolhido no ambiente escolar. Os jovens que vivenciam uma condição sexual distinta muitas vezes não dispõem do apoio e da segurança necessários à sua formação biopsicossocial, fato que pode trazer efeitos negativos à sua subjetividade enquanto indivíduo em formação. Louro (2000) afirma que “a escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém Afirme sua sexualidade. Entretanto, como tema que muitas vezes da forma com que for tratado pode ferir os direitos humanos, é inerente a discussão nos espaços escolares. Como a sexualidade é parte do desenvolvimento do discente, e este acaba por demonstrar aspectos desta sexualidade na cultura escolar, é de suma importância levar discussões quanto às pessoas LGBTs para a escola.

> As instituições de ensino estão em transformação. O aumento da presença feminina em salas de aula, o aumento da visibilidade LGBT pela mídia, as discussões sobre sexo e sexualidade diante da expansão da AIDS, o avanço das formas e meios de comunicação são processos que atravessam a escola e que não há como passar despercebido. Esses processos transformam antigas barreiras sociais, de tempo e de espaço, ao abrir caminhos de socialização com múltiplos sujeitos, troca de saberes, modos de vida, comportamentos e valores, que antes eram impensáveis. (Figueredo, 2022, p. 54)

A escola como espaço de socialização com o outro e muitas vezes, como se manifesta no ensino médio, aparece como lugar onde há troca de afetos e carinhos entre os discentes. A escola aparece neste caso, como espaço de preparação do estudante para a sociedade, como este, pode ser preparado dentro

da comunidade escolar, para a sociedade que o espera, sociedade está como já citada, opressora e homofóbica. Ainda no âmbito escolar, a manifestação do preconceito muitas vezes vem do colega heterossexual que dissemina ódio, muitas vezes por desconhecimento do tema, ou outras vezes, influenciado pela sociedade, com a mídia e religião que manifesta o preconceito.

Todo esse cenário acaba conduzindo esses alunos à situação de violência e *bullying*, isto é, falando de homossexuais e bissexuais, pois quando se aborda a realidade das travestis e transexuais o contexto pode ser muito mais grave. Não raramente, elas são rechaçadas pela aparência e maneira de como se vestem desde o seio familiar.

Desse modo, ocorre uma significativa urgência de todos da comunidade escolar, principalmente o corpo docente tendo em conta que este lida diretamente com os colegiais para melhor entendimento e acolhida das diferentes identidades sexuais e de gênero. Essa compreensão garantiria, em tese, um maior domínio e traquejo para lidar com situações que necessitem da intervenção de um professor.

Realizar o debate sobre a população LGBT nos permite compreender que os mecanismos da LGBTfobia no ambiente escolar não dizem respeito apenas à escola, mas a toda sociedade (Figueredo, 2022). Para discutir o tema em sala de aula com os alunos, primeiro deve haver discussão do tema entre os docentes, seja em reuniões pedagógicas escolares ou formações continuadas, sobre o tema.

De acordo com Louro (1997), “há uma escolarização dos corpos e das almas nas escolas”, já separado em o que é destinado a meninos e o que é à meninas. Já está separado e dicotomizado o ambiente escolar por sexo biológico, menino ou menina, sendo assim um obstáculo no que diz respeito a evolução das questões LGBTs.

Para Guacira Lopes Louro, a escola nega, ignorando a homossexualidade, tratando o tema como de não importante para o ambiente escolar, transformando o que ela chama de desconhecimento do conceito por meio da ignorância.

> Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo –inato a todos –deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à

> sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância. (Louro, 2018, p. 30)

Essa ignorância e desconhecimento da importância do tema da homossexualidade, acaba por transformando-se a ignorância em homofobia, mais radicalmente falando, transforma-se em opressão, pois negligenciar um tema desta importância, é colocar toda a comunidade LGBTQIAPN+ em perigo. Pois no momento da existência de desinformação, a ignorância que transforma-se em LGBTfobia, acaba por em último grau, evoluindo para violência física e aumento das mortes das LGBTQIAP+ na sociedade. Pois, a escola é espaço da transformação do sujeito em um ser humano crítico e transformador da sociedade.

A LGBTfobia praticada no ambiente escolar, muitas vezes presente desde os primeiros anos do ensino fundamental, com implicação e piadas vindas dos colegas uns para com os outros, devido a jeitos e trejeitos manifestado pelo ou pela colega que deveria se comportar como o papel que lhe é imposto pela sociedade heternomativa e patriarcal, acaba por tendo consequências no discentes ao decorrer de sua trajetória escolar, às vezes como traumas, ou até mesmo doenças relacionado a psique. Ou seja, doenças como depressão podem ser facilmente encontrada dentro da comunidade LGBTQIA PN +, Pois, a população LGBT apresenta vulnerabilidade às questões de saúde mental. A frequente exposição a discriminação e ao desrespeito adicionada a rejeição e necessidade de dissimulação de sua identidade impacta negativamente na saúde mental destes indivíduos. (Melo; Silva; Mello, 2019).

Mas a cultura escolar também é local de vivências, existências e resistências, pois também pode ser local de relação saudáveis entre colegas, gerando acolhimento tanto por parte de colegas como da parte dos profissionais da educação. Segue no próximo capítulo as entrevistas realizadas com estudantes LGBTQIAPN+, onde se confirma tal questão.

5 VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS LGBTQIAPN+ EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE SANTA CATARINA

Ao estudar as questões LGBTQIAPN+, é necessário dar voz às narrativas individuais e coletivas dessa população, para tanto, realizou-se uma análise de discurso com quatro estudantes de ensino médio de uma determinada escola de educação básica do estado de Santa Catarina na região de Criciúma. Este estudo não busca apenas documentar tais relatos pessoais, mas também, desvendar as complexidades culturais e sociais que moldam as experiências desses jovens. Ao adentrar em suas narrativas, busca-se compreender as formas de discriminação e as estratégias de empoderamento que permeiam suas vidas.

Ressalta-se aqui a importância de entender e se conectar com essas histórias, perspectivas e reflexões apresentadas pelos participantes deste estudo, reconhecendo a riqueza e a complexidade de suas experiências como parte integrante da vida humana, tais como suas vivências familiares, religiosas e na cultura escolar.

As entrevistas ocorreram na biblioteca da escola, onde apenas o mestrando e o entrevistado estavam presentes, três delas foi feito dessa maneira, uma foi feita via *google meet,* pois, não fechou horário do estudante do ensino médio com o do mestrando. tais escolhas quanto aos lugares da entrevista Visou proporcionar maior conforto aos alunos durante o processo. O mestrando conduziu a entrevista como uma conversa entre os participantes (entrevistador e entrevistado), iniciando-se com sua apresentação, incluindo nome, idade, gênero, orientação sexual e a finalidade da entrevista. Em seguida, o estudante também se identificou, dando início à conversa. Todas as entrevistas foram gravadas utilizando um celular. No total, foram entrevistados quatro alunos do ensino médio.

5.1 IDENTIFICAÇÃO DOS ESTUDANTES PARTICIPANTES DA PESQUISA

As entrevistas foram realizadas em uma determinada escola estadual de Santa Catarina, sendo três delas em outubro e uma em novembro. Segue abaixo a identificação de cada estudante. Durante a entrevista, foi dada liberdade aos alunos quanto ao uso de seus nomes na pesquisa ou à escolha de um nome fictício para

manter o anonimato. As entrevistadas 1 e 2 decidiram trocar os nomes, utilizando "Gabrieli" e "Stephani". Já os entrevistados 3 e 4 decidiram manter seus nomes.

Abaixo segue uma tabela produzida pelo autor, quanto a identificação de cada entrevistado sendo tais fatores de identificação: Nome do estudante, Gênero, Orientação sexual, idade e série do ensino médio em que estuda.

Tabela 2 - Identificação dos entrevistados

Ordem da entrevista	Nome	Gênero	Orientação sexual	Idade	Turma que estuda
1º	Gabrieli*	Cisgênero	Lésbica	17	3º
2º	Stephani*	Cisgênero	Bissexual	19	3º
3º	Douglas	Fluido	Gay	19	2º
4º	Felipe	Cisgênero	Gay	17	2°

* Nome fictício.

Fonte: Do autor (2024)

Durante a entrevista, alguns estudantes mostraram um pouco de confusão quanto a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual. Por mais que já encontraram ou estão no caminho da identificação com uma das letras que compõem a sigla LGBTQIAPN+, não distinguem a diferença entre gênero e sexualidade.

> A identidade de gênero e a orientação sexual de uma pessoa reportam-se sempre a um processo sobre o qual, ainda hoje, a ciência não possui um esclarecimento cabal. São inúmeras as investigações que procuraram as causas da sua origem e os fatores do seu desenvolvimento, sem que alguma convictamente as tenha conseguido alcançar. (Alves; Mota, 2015, p. 50).

Tal afirmação destaca a falta de compreensão definitiva sobre a identidade de gênero e a orientação sexual, mesmo no campo da ciência. Ela sugere que, apesar dos esforços de muitos pesquisadores para investigar as origens e os fatores de desenvolvimento desses aspectos da identidade humana, não existe um consenso claro ou uma explicação conclusiva. Tal questão se relaciona com a confusão que alguns adolescentes LGBTQIAPN+ possuem com tal questão, pois há muitas discordâncias dentro das próprias pesquisas das questões LGBTs.

Essa falta de entendimento pode ser atribuída, em parte, quanto a ausência de clareza que ainda existem em torno desses conceitos, mesmo entre os

especialistas. Se a própria ciência não chegou a um esclarecimento de fato sobre esses temas, é compreensível que os indivíduos, especialmente os adolescentes em processo de autodescoberta, também possam ter dificuldade em compreendê-los completamente. Como o dito como “normal” pela sociedade é a heterossexualidade, o que foge desta “normalidade” acaba causando confusão, principalmente entre os adolescentes.

> A heterossexualidade é concebida como “natural” e também como universal e normal. Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto. (Louro, 2000, p.13)

Essa visão predominante da heterossexualidade como norma pode ser especialmente relevante entre os estudantes LGBTQIAPN+ durante uma entrevista. Eles podem enfrentar pressões sociais e expectativas culturais que reforçam a ideia de que a heterossexualidade é a única forma válida de orientação sexual.

Isso pode criar um ambiente onde esses estudantes se sintam invisíveis, não reconhecidos ou até mesmo reprimidos em expressar sua verdadeira identidade sexual. Portanto, é essencial reconhecer e desafiar essas normas heteronormativas na educação e na sociedade em geral, independentemente de sua orientação sexual, pois estes adolescentes precisam se sentir validados, respeitados e livres.

A identidade de gênero é um conceito fundamental para compreender as questões de gênero na educação. Louro (2000) argumenta que a identidade de gênero não é apenas uma questão biológica, atribuída ao nascimento. Mas sim uma construção social e cultural que influencia profundamente a maneira como as pessoas se percebem e são percebidas na sociedade, pois a identidade de gênero vai além das noções binárias tradicionais de masculino e feminino. A identidade de gênero é um elemento central na construção da sexualidade.

Louro (2000), ainda aborda a orientação sexual com um conceito intrinsecamente ligado à construção social e cultural da identidade. Destaca que a orientação sexual vai além da atração física ou romântica por determinado sexo ou gênero, sendo influenciada por uma série de fatores, incluindo normas culturais, experiências individuais e relações de poder.

A primeira entrevistada foi Gabrieli, de 18 anos, cursando o terceiro ano do Ensino Médio. Gabrieli namora a segunda entrevistada, Stephani. A entrevista,

assim como as outras, ocorreu na biblioteca da escola. Foi uma entrevista tranquila, na qual a estudante pareceu confortável com a conversa que se deu com o mestrando. O diálogo teve início com a apresentação de ambos.

> Sou Gabrieli, tenho 17 anos e estou no terceito ano do ensino médio, sou cisgênero e me identifico como lésbica. Sou uma menina não assumida totalmente para a família, mas para os colegas da escola sou assumida, até porque namoro uma menina aqui da escola, mas não assumida para a família. (Gabrieli, 2023)

A estudante afirma ser cisgênero e se identifica como lésbica, o que indica uma clareza sobre sua orientação sexual. Ela compartilha que é "não assumida totalmente para a família". Isso sugere que ela enfrenta desafios em relação à aceitação de sua sexualidade em seu meio familiar. Por outro lado, ela menciona estar "assumida" para os colegas da escola, o que indica um nível de conforto e aceitação dentro da cultura escolar. Gabrieli ainda revela que está em um relacionamento com uma colega de escola, o que contribui para sua identidade pública como lésbica. No entanto, ela ressalta que esse aspecto de sua identidade não é conhecido ou aceito por sua família, indicando uma dicotomia entre sua identidade pública e privada. A fala de Gabrieli destaca a complexidade da identidade LGBTQIAPN+ em diferentes esferas sociais. Ela vive uma realidade na qual é aceita e confortável em expressar sua identidade na escola, mas enfrenta desafios e limitações em relação à sua família, isso evidencia as diversas camadas de sua identidade e os diferentes níveis de aceitação e compreensão em sua vida.

A segunda entrevistada foi Stephani, que demonstrou estar tranquila quanto a sua sexualidade, “assumida” na escola e para uma parte da família com a qual se sente mais confortável em compartilhar de tal questão.

> Eu tenho 20 anos, já era para ter terminado a escola mas por motivos de um acidente acabei saindo e retornei agora para terminar o terceiro ano. Até então eu namorava um homem, até esse momento eu tinha atração por homens mas mulheres eu não tinha certeza, pois nunca tinha ficado com uma. Hoje me identifico como bissexual. Namorei dois anos com ele, mas sempre fiquei em dúvida sobre as meninas. No ano passado vim para a escola e conheci a Gabrieli, mas não fiquei com ela de primeira, comecei a sair mais e ficar com outras meninas, onde no final do ano passado comecei a ficar e gostar da Gabrieli, e então tive certeza da minha bissexualidade. (Stephani, 2023).

Ao analisar a fala de identificação da Stephani na escola a mesma, revela um processo de autodescoberta e aceitação de sua identidade sexual ao longo do tempo, influenciado por suas interações pessoais e sociais dentro da cultura escolar.

Stephani começa sua fala contextualizando sua idade e explicando os motivos que a levaram a sair da escola temporariamente devido a um acidente. Esse contexto pessoal adiciona camadas à compreensão de sua jornada escolar e reflete a complexidade de sua experiência. Ela compartilha na entrevista sua jornada de descoberta em relação à sua orientação sexual, revelando que anteriormente namorava um homem e tinha atração por homens, mas tinha incertezas em relação às mulheres devido à falta de experiência. Esse reconhecimento de sua própria incerteza destaca a importância da autoexploração e da reflexão na construção da identidade sexual.

Ao longo de sua narrativa, ela expressa sua identificação como bissexual, descrevendo como, após conhecer Gabrieli na escola e começar a interagir com outras meninas, ela gradualmente desenvolve sentimentos pela menina, o que a leva a buscar sua identificação como bissexual. Essa jornada de autodescoberta e aceitação ressalta a fluidez da identidade sexual e a importância das experiências interpessoais na formação da identidade na cultura escolar, como estar inserido em tal cultura é importante para o desenvolvimento humano.

Já na terceira entrevista, foi desenvolvida online devido a falta de encontro entre o entrevistador e o entrevistado na escola, o mesmo, diz se identificar como um homem gay quanto a sua orientação sexual e seu gênero como fluido.

> Me chamo Douglas, sou um jovem estudante do ensino médio, tenho 19 anos. Quero terminar meu ensino médio e fazer minha faculdade. Estou no segundo ano do ensino médio. Sou um menino homossexual, gay. Estou me descobrindo com um lado um pouco mais feminino, talvez descobrindo minha transsexualidade. Estou me descobrindo nessa nova etapa da minha vida, talvez me identifique com um gênero fluido. (Douglas, 2023)

A questão de Douglas se identificar como gênero fluido, aparece da necessidade que o mesmo tem de não achar tão necessário se identificar com algum dos dois sexos, pois ele tem o direito de não se identificar com algum dos sexos biológicos impostos pela sociedade.

A fala de Douglas é semelhante a de outros entrevistados, pois traz a amostra de uma narrativa de descoberta e aceitação quanto a identidade de gênero

e orientação sexual. Douglas começa sua fala se apresentando de forma simples e direta, compartilhando sua idade e objetivos futuros. Todavia, ao mencionar sua orientação sexual como gay e expressar uma possível exploração de sua identidade de gênero, ele revela uma análise mais profunda de sua jornada pessoal. Ele está em processo de se reconhecer e compreender sua identidade, o que pode ser uma experiência desafiadora para seu projeto de vida.

Quanto a fluidez do gênero (Lando et.al, 2018) afirma a seguinte questão para com a não identificação com nenhum sexo biológico (Masculino e feminino):

> Logo, se o direito fundamental à identidade de gênero garante a todos a liberdade de autodeterminar-se e escolher livremente suas opções e circunstâncias que dão sentido à sua existência, conforme as suas próprias convicções, deve assegurar, também, o direito à não identificação do sexo biológico para as pessoas de gênero fluido ou as sem gênero, para que então possam alterar o registro civil para colocar no lugar do "sexo" uma letra que identificasse a inexistência de gênero determinado, como feito no cartão de saúde do bebê canadense (Lando *et al*, 2018, p.53).

Ao falar sobre sua possível identificação com um lado mais feminino e a descoberta em relação à sua transsexualidade, Douglas mostra uma vulnerabilidade ao enfrentar os desafios e incertezas associados à exploração de sua identidade de gênero. Ele está navegando por territórios desconhecidos e isso pode ser um processo emocionalmente complexo. Douglas ainda reflete uma disposição para ser aberto e autêntico consigo e com os outros.

Analisando as falas de Douglas é possível perceber que ele possui um melhor entendimento do que é identidade de gênero com relação aos outros entrevistados, pois menciona algumas vezes um possível processo de transição e entende-se que ele estudou de uma certa maneira tal assunto.

Felipe foi o último entrevistado, já no mês de novembro. Este estudante demonstrou-se mais tímido na conversa em comparação com os outros, mas topou a entrevistada, após explicar como seria e para qual finalidade estava sendo retratada.

Felipe (2023) se identifica da seguinte forma:

> Me chamo Felipe e tenho 17 anos, sou homossexual e estou no segundo ano do ensino médio. Sobre minha sexualidade, tive dificuldade de me assumir. Eu sentia atração sexual pelos meus coleguinhas da escola desde o ensino fundamental. (Felipe, 2023)

Felipe afirma sua orientação sexual de forma direta: "sou homossexual". Tal afirmação é uma reafirmação de sua identidade, o que pode indicar uma crescente confiança em expressar sua sexualidade. A menção de que teve dificuldade para se assumir sugere que Felipe ainda está enfrentando ou refletindo sobre os desafios de aceitar e compartilhar sua orientação sexual. Isso indica uma continuidade na jornada de autodescoberta e aceitação.

5.2 RELAÇÃO ENTRE OS ENTREVISTADOS COM A FAMÍLIA E RELIGIÃO

Tanto Gabrieli quanto Stephani são assumidas para os colegas da escola, mas para a família não, embora, Stephani diz que sua mãe é mais tranquila quanto a esta questão. Ela nunca falou nada para a mãe pois a mãe nunca perguntou. Disse ter uma família desestruturada, padrasto preso e devido a estas questões familiares acabou por nunca falar à mãe, todavia ela tem quase certeza que a mãe sabe, pois a mesma é merendeira da escola na qual ela estuda e namora a outra menina.

> A minha mãe é merendeira da escola, ela provavelmente sabe que eu me relaciono com mulheres, mas nunca parou para conversar comigo sobre esse assunto. A minha vó por parte de pai sabe por conta do outro lado da minha família que sabe e me acolhe, mas sempre que vou na casa dela, ela faz falas homofóbicas e já me perguntou o que os homens fizeram para eu me decepcionar com eles e me envolver com as mulheres. (Stephanie, 2023).

É importante destacar a referência à mãe de Stephanie como merendeira da escola, ou seja, acaba tendo uma conexão direta com a escola. Isso pode apresentar uma proximidade da adolescente com a cultura escolar, o que potencialmente impacta sua percepção e experiência em relação à sua sexualidade dentro dessa cultura. O fato de a mãe não abordar o tema com Stephanie também evidencia um silenciamento ou desconforto em discutir questões relacionadas à diversidade sexual, o que pode demonstrar a invisibilidade e o isolamento de jovens LGBT dentro da família.

A menção à avó paterna que faz comentários homofóbicos revela um conflito interno na família, onde há uma divisão entre o acolhimento por parte de alguns membros e a rejeição ou desaprovação por parte de outros. Esse ambiente ambíguo e hostil pode gerar um sentimento de alienação e desamparo na jovem,

que se vê confrontada com atitudes discriminatórias dentro de seu círculo familiar, mesmo tendo encontrado apoio em outros.

A pergunta feita pela avó sobre o que os homens fizeram para Stephanie se envolver com mulheres ilustra a incompreensão e o preconceito enraizado em relação à diversidade sexual e um machismo estrutural enraizado na sociedade patriarcal.

> Ao observar o crescimento do patriarcado, do machismo, das relações de poder sobre os corpos e a propriedade privada ao longo do desenvolvimento humano, fica notável a força que o machismo ainda tem e o quanto essas construções históricas reverberam na prática e se manifestam em todas as esferas. (Oliveira, 2023, p. 55)

Voltando a fala da avó de Stephanie e de acordo com o texto supracitado, estes discursos refletem a expectativa heteronormativa e a suposição de que a orientação sexual de uma pessoa é determinada por experiências negativas com o sexo oposto, desconsiderando a autenticidade e a legitimidade das relações homoafetivas, mostrando a força que o machismo tem e como este mecanismo patriarcal influencia nas questões LGBTQIAPN+. Tal manifestação de machismo mostra o desprezo que a homofobia possui quanto à sexualidade.

> [...] a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo como se a homossexualidade fosse "contagiosa", cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade. (Louro, 2000. p. 22)

No caso de Stephanie, as atitudes de sua avó paterna, que faz comentários homofóbicos e questiona suas escolhas afetivas, refletem o desprezo e o afastamento mencionados. Essas atitudes criam um ambiente hostil e desagradável para a entrevistada, que se vê confrontada com a rejeição de parte de sua família devido à sua orientação sexual.

Além disso, a imposição do ridículo também se faz presente na fala da avó, que insinua que a escolha de Stephanie por se envolver com mulheres é uma decepção causada por experiências negativas com homens. Essa atitude ridicularizante desvaloriza a identidade e as relações afetivas da adolescente, contribuindo para seu desconforto e isolamento.

Louro (2000) também destaca a resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais, sugerindo que a proximidade ou apoio a indivíduos LGBT pode ser interpretada como uma adesão a essa prática ou identidade. No caso de Stephanie, a falta de diálogo e apoio por parte de sua mãe pode ser interpretada como uma forma de evitar ser associada à homossexualidade de sua filha, refletindo o estigma social e a pressão para conformar-se às normas heteronormativas.

Stephanie ainda tem algumas pessoas da família que a apoiam, mas Gabrieli não. Está, já tentou conversar com a mãe sobre tal questão, algumas vezes. Entretanto não houve êxito em tal feito.

> É, acontece, que assim, a questão de eu ser ou não assumida, tem algumas pessoas que sabem, a maioria na escola, porque na escola eu falo para as pessoas que me perguntam sobre, já a minha família, também sabe mas fingem que não, porque eu já tive a conversa, com a minha mãe, só que como a minha família é Cristã, é um pouco mais complicado, como eu fui criada desde pequena na igreja, é um pouco mais complicado. Então, assim, meio que uma negação eterna para eles. Por mais que eles saibam, eles ficam sempre na negação de, tipo, ah, mas eu ainda tenho esperança de que tu vai mudar. A minha vó é católica e o restante da família da parte da minha mãe é evangélica. (Gabrieli, 2023).

Pode-se aqui trazer questões valiosas sobre as vivências LGBTQIAPN+ em contextos familiares e escolares,onde acaba por se revelar os desafios enfrentados por indivíduos que lidam com a aceitação e a identidade sexual e de gênero. Em primeiro lugar, Gabrieli menciona que na escola a maioria das pessoas sabem sobre sua orientação sexual, sugerindo que seja um ambiente em que ela se sente mais confortável em compartilhar esse aspecto de sua vida.

Isso pode indicar a existência de redes de apoio ou espaços de diálogo mais abertos na escola, onde Gabrieli se sente segura para ser quem ela é. na disciplina de projeto de vida há uma habilidade a ser desenvolvida pelos alunos que diz: “ Compreender que redes de apoio auxiliam na superação de dificuldades para a realização de seus projetos e articular contatos com estas possíveis redes” (SANTA CATARINA, 2021). As redes de apoio muitas vezes podem ser aquelas que nos acolhem, como nossos professores, colegas ou a própria família.

Voltando a análise da fala de Gabrieli, a situação na família é descrita como mais complexa. Embora Gabrieli tenha tido uma conversa com sua mãe sobre sua orientação sexual, ela percebe que sua família, que é cristã e tem uma forte

ligação com a religião desde sua infância, tem dificuldades em aceitar sua identidade. Tal questão impõe conflitos entre a identidade pessoal e as expectativas sociais e religiosas impostas pela família e pela sociedade.

Ao falar da negação por parte de sua família, especialmente expressa na esperança de que ela "mude", apresenta a falta de compreensão e aceitação da orientação sexual de Gabrieli. Essa negação é imposta pelo contexto religioso, onde normas e crenças tradicionais podem dificultar a aceitação de identidades que divergem das normas heteronormativas.

A distinção entre a religião de sua mãe (cristã) e a do restante da família (evangélica) também coloca a situação como complexa, pois sugere uma diversidade de perspectivas e práticas dentro do próprio contexto religioso da família. No entanto, mesmo diante dessa diversidade, Gabrieli enfrenta resistência e negação em relação à sua identidade. A religião cristã muitas vezes prega o ódio à população LGBTQIAPN+, desviando e fazendo algumas interpretações que alimentam o ódio a esta população, tais como o texto de Romanos.

> Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão". (Romanos 1, 26-27, 2000)

Três dos entrevistados citam que a religião cristã acaba por influenciando em suas vidas LGBTQIAPN+. Felipe já diz que a religião e a família não tiveram tanta influência na sexualidade. Os pais falaram que o amariam assim e que Deus também o ama de tal maneira.

> Minha mãe é católica e meu pai não tem uma religião, igual eu. Minha mãe disse que Deus me ama como sou, quando me assumi. Meu pai disse que não era o que esperava de um filho homem, mas que sente orgulho de mim e que me amaria igual. Cresci em um ambiente acolhedor. Durante minha jornada no ensino médio, participei ativamente de grupos de jovens, da igreja católica da minha mãe. Quando decidi contar a eles que eu era gay, com 15 anos fiquei aliviado. Na conversa, vi que não era nada do que eu estava esperando. (Felipe, 2023)

A primeira parte do discurso descreve o contexto familiar e religioso do estudante entrevistado, apresenta a diversidade de crenças em sua família. A mãe é

católica, enquanto o pai não segue nenhuma religião. O fato do estudante compartilhar a falta de seguir uma religião como o pai sugere uma conexão ou alinhamento entre eles, mesmo que suas crenças específicas possam ser diferentes. A reação dos pais à revelação da orientação sexual de Felipe é importante de ser analisada, pois, enquanto a mãe demonstra aceitação e amor incondicional, o pai expressa inicialmente desapontamento, mas também demonstra amor e orgulho pelo filho. O discurso destaca o ambiente acolhedor em que o menino cresceu, caracterizado pelo apoio emocional dos pais. Esse ambiente de compreensão e aceitação provavelmente desempenhou um papel crucial no desenvolvimento de uma imagem positiva e na capacidade de lidar com os desafios relacionados à identidade sexual. Douglas vem de encontro com esta relação negativa que existe entre o cristianismo e as questões LGBTQIAPN+, pois este, afirma que cresceu como cristão mas que a religião o magoou muito.

A fala de Douglas sobre sua experiência religiosa revela uma mudança significativa em sua trajetória espiritual e destaca o papel crucial que a religião desempenha em sua vida. Aqui estão alguns pontos de análise:

> Quando eu era criança, fazia parte da congregação cristã, sofri muita opressão, sofri muito preconceito. Foi algo muito agressivo para minha sexualidade. Hoje sou umbandista e dentro da minha crença e dentro da religião que eu participo eu sou muito bem acolhido, é uma casa de religião sem preconceito. Meu pai de Santo é alguém muito sábio sem preconceito nenhum, é a religião que me acolheu. (Douglas, 2023)

Ao compartilhar abertamente as dificuldades que enfrentou em sua infância como parte da congregação cristã, ele descreve sua experiência como uma fonte de opressão e preconceito, especialmente em relação à sua sexualidade. Esse discurso sugere que, em sua experiência anterior com o cristianismo, ele se sentiu alienado e não aceito devido à sua orientação sexual, o que pode ter sido emocionalmente doloroso e traumatizante para ele.

A mudança de Douglas para a religião umbanda reflete sua busca por um espaço religioso onde ele se sinta aceito e acolhido em sua totalidade, sem julgamentos ou preconceitos em relação à sua sexualidade. Ele demonstra em sua fala a importância desse ambiente inclusivo dentro de sua nova crença, onde ele se sente bem-vindo, apoiado e acolhido.

Aqui é importante perceber algumas religiões e espaços podem ser a rede de apoio de pessoas LGBTs. Douglas enfatiza a figura de seu pai de santo como alguém sábio e sem preconceitos, ou seja, alguém importante nessa rede de apoio, supracitada. Aqui destaca-se que para ele é importante a presença de um líder espiritual que o oriente e apoie em sua jornada religiosa. Essa relação é fundamental para sua sensação de pertencimento e aceitação dentro da umbanda, quanto uma pessoa gay.

Fica nítido em sua fala também que outra rede de apoio que há em sua vida é a família, quando diz:

> Sou assumido desde os 14 anos de idade, me assumi bem cedo para a família e hoje sou assumido no trabalho e na escola. Eu desde pequeno fui o típico gay afeminado, sempre fui brincar de boneca, cabelo, unhas, sempre me identificando mais com o lado mais feminino. Sempre soube da minha sexualidade. No início tive medo, por conta do preconceito, de me mandarem ir embora ou que eles esquecessem que eu existia por conta desta minha condição sexual. Um dia decidi me assumir e foi tranquilo, e foi uma aceitação sem agressão física ou verbal, foi a melhor possível. No começo teve umas piadas e indiretas, mas hoje todos me respeitam e entendem essa causa. Sou muito bem acolhido, não tenho palavras para descrever o amor que a minha família tem por mim. (Douglas, 2023)

Douglas demonstra sua autenticidade desde cedo, pois compartilha que desde uma idade precoce, ele se identificou mais com características consideradas tradicionalmente femininas. Ele descreve como desde criança ele foi o "típico gay afeminado", mostrando uma consciência precoce de sua identidade e orientação sexual.

Sua fala quanto sua história de vida aborda os desafios que ele enfrentou em relação ao medo do preconceito e da rejeição ao se assumir para sua família, escola e local de trabalho. Tal afirmação pode demonstrar preocupações legítimas sobre possíveis consequências negativas, como ser demitido ou esquecido, mas eventualmente optou pela autenticidade e enfrentou esses medos.

Apesar dos receios iniciais, Douglas fala do apoio familiar ao se “assumir”. Ele descreve esse apoio como incondicional e relata uma evolução positiva nas atitudes das pessoas ao seu redor, incluindo colegas de trabalho e colegas de escola. Ele descreve como, com o tempo, as piadas e indiretas diminuíram, e ele passou a ser respeitado e compreendido em relação à sua identidade e orientação sexual. Douglas expressa profunda gratidão pelo amor e apoio de sua família e destaca a importância desse apoio em sua jornada de autodescoberta e aceitação,

enfatizando a força do vínculo familiar. Importante ressaltar que a relação familiar e preocupação e a busca por tal aceitação aparece em todas as falas e geralmente vinculadas à religião.

5.3 AS VIVÊNCIAS LGBTQIAPN+ NA CULTURA ESCOLAR

Nas entrevistas fica claro a existência de olhares homofóbicos por parte de alguns colegas na escola, indicando que há discriminação e preconceito enfrentados pelos estudantes LGBTQIAPN+.

Todavia, por mais que exista o preconceito a escola também é lugar onde os alunos se sentem acolhidos em relação à sua sexualidade e identidade de gênero por parte de muitos colegas, e profissionais da escola, isto, vindo dos relatos dos estudantes entrevistados. Essa diferença sugere que, embora haja desafios e preconceitos, também existem espaços de apoio e aceitação dentro da instituição.

A afirmação de que há preconceito, mas também experiências positivas, reflete uma compreensão das questões LGBTQIAPN+ na cultura escolar, evitando generalizações simplistas e reconhecendo diferentes realidades e perspectivas.

O papel da escola como espaço de formação integral vai além de transmitir conteúdos , ela desempenha um papel importante na construção de identidades. Diante disso, é preciso reconhecer a importância das histórias de vida e narrativas dos estudantes.

Exigirá das escolas e dos sistemas de ensino o desenvolvimento de políticas de formação das nas dimensões pessoal e profissional do professor, mais especificamente as que tomam as histórias de vida e as narrativas docentes como eixos de formação (Souza, 2015).

Destaca-se aqui a necessidade de um enfoque mais abrangente na formação de professores para tal assunto e reconhecer que a dimensão pessoal dos educadores é tão relevante quanto a dimensão profissional, inter-relacionar ambas as dimensões. As escolas e os sistemas de ensino devem desenvolver políticas que considerem não apenas a capacitação técnica dos professores, mas também sua história de vida, experiências pessoais e narrativas como elementos essenciais no processo formativo.

É necessário valorizar o conhecimento experiencial dos professores e investir em formações para que os mesmos, desenvolvam projetos e trabalhados

envolvendo a realidade pessoal dos estudantes. Isso implica reconhecer que suas vivências pessoais e profissionais influenciam diretamente sua prática pedagógica e suas interações com os alunos. Portanto, ao incorporar esses elementos no processo de formação, as instituições de ensino podem promover uma abordagem mais holística e contextualizada, que leve em conta não apenas as habilidades técnicas dos professores, mas também sua identidade, valores, crenças e experiências de vida. Isso pode contribuir para o desenvolvimento de uma cultura escolar mais colaborativa e inclusiva, onde os professores se sintam apoiados e valorizados em sua jornada profissional.

A cultura escolar é um espaço onde as vivências individuais se entrelaçam com normas sociais, expectativas institucionais e interações interpessoais. Essa complexidade se torna ainda mais evidente quando consideramos as vivências das pessoas LGBTQIAPN+ dentro desse contexto. Cada indivíduo traz consigo uma história única, marcada por suas próprias vivências, identidades e relações com o gênero e a sexualidade. Portanto, é fundamental reconhecer que não há uma experiência monolítica da cultura escolar para pessoas LGBTQIAPN+. Em vez disso, cada pessoa vivencia a escola de maneiras distintas, influenciadas por uma série de fatores, como sua orientação sexual, identidade de gênero, contexto familiar, apoio social e o ambiente escolar em si.

Neste sentido, as narrativas dos próprios alunos LGBTQIAPN+ oferecem discussões únicas sobre a diversidade de experiências dentro da cultura escolar. Ao compartilharem suas histórias, eles nos convidam a refletir sobre os desafios, conflitos, conquistas e momentos de acolhimento que enfrentam na escola.

Suas vozes são essenciais para compreendermos as dinâmicas escolares em relação à diversidade sexual e de gênero. A seguir, apresentarei as citações de alguns desses alunos, que ilustram de forma vívida e pessoal suas vivências enquanto pessoas LGBTQIAPN+ na escola.

> Assim, eu como uma pessoa não totalmente assumida, sobre sofrer homofobia, eu nunca, nunca cheguei a sofrer uma coisa tão grave. Uma coisa que me marca muito é quando digo que sou lésbica e as pessoas principalemnte os colegas meninos falam: Que desperdício. Os maus olhares, direcionados para eu e para a Stephanie me incomodam um pouco, mas fora isso, ninguém nunca falou nada. E assim, o que eu mais vejo, ultimamente, é, para as poucas pessoas que eu me assumo, quem não é já do meu ciclo, quem já não me conhece, é que eles mostram a cara de

> decepção, mas eles não expressam isso especificamente, assim como, ah, entendi, ah, tá que legal. Daí é isso, basicamente. Sim. (Gabrieli, 2023)

A jovem descreve sua identidade como "não totalmente assumida", indicando uma ambiguidade em relação à sua própria aceitação e visibilidade como pessoa LGBTQIAPN+. Esse aspecto reflete um processo de auto aceitação e revela que assumir-se completamente pode ser um grande desafio para pessoas LGBTQIAPN+.

Gabrieli menciona o desconforto causado pelos comentários de colegas masculinos, que reagem com expressões de desaprovação ou desdém ao ouvirem sua orientação sexual. Esses comentários, embora sutis, mostram o impacto das normas de gênero e expectativas sociais sobre a sexualidade, criando um ambiente de desconforto e pressão para conformidade.

A menção específica aos colegas masculinos e aos "maus olhares" direcionados para ela e uma colega evidencia a questão da desigualdade de gênero na manifestação do preconceito. Isso sugere que as mulheres LGBTQIAPN+ podem enfrentar formas distintas de discriminação e estigma em comparação com homens LGBTQIAPN+.

A jovem também relata que, ao se assumir para pessoas fora de seu círculo social próximo, ela percebe uma expressão de decepção por parte delas, mesmo que não seja expressa verbalmente. Isso destaca a falta de compreensão e apoio por parte de algumas pessoas externas ao seu círculo íntimo, o que pode gerar sentimentos de isolamento e rejeição.

Embora ela sofre por mais que mínimos essas manifestações de LGBTfobia, também relata boas memórias e vivências com colegas e também com a própria namorada que ela conheceu na escola no ano anterior ao da entrevista, neste caso em 2022.

> Eu conheci a Stephani na escola, começamos a conversar e se conhecer nos recreios da escola. A gente se encontrava nas praças do centro e depois ia para a escola, começamos a ficar e agora há mais ou menos um mês, estamos em um relacionamento mais sério, digo isso pois não sei se ela vai querer usar a palavra namorando, pois ainda não consigo assumir esse relacionamento para a família, Mas a gente está ficando sério. Acho que dá para dizer assim, não sei qual o termo ela vai querer usar. Mas, assim, foi uma conversa recente que a gente teve em questão de assumir para a família e assumir para os outros. E eu tô com ela, as pessoas sabem que eu tô com ela, algumas pessoas não, sem perguntar, eu vou dizer que tô com ela. Então, tipo, algumas coisas não precisam explicar sempre, sabe? É isso. (Gabrieli, 2023)

Esta narrativa traz um discurso íntimo e pessoal sobre o processo de construção de um relacionamento afetivo entre duas pessoas na cultura escolar, em meio à vivência da identidade LGBTQIAPN+. O relato destaca como o relacionamento entre a entrevistada e Stephani (Sendo essa a entrevistada n° 2). que eve início na escola, sugerindo que esse espaço desempenhou um papel significativo na formação da identidade e nas experiências afetivas dessas jovens. Esse ponto ressalta a importância dos espaços escolares como locais de autoconhecimento e de estabelecimento de relações interpessoais para jovens LGBTQIAPN+. Importante ressaltar que a escola em si não é um lugar opressor, mas que neste caso ela se fez como uma cultura de autoconhecimento e construção de duas pessoas pertencentes à população LGBTQIAPN+.

A estudante expressa sua hesitação em usar termos como "namorando", mostrando assim a dificuldade em assumir o relacionamento para a família devido ao receio de julgamentos ou falta de aceitação. Esse aspecto ressalta os desafios enfrentados por muitas pessoas LGBTQIAPN+ em relação à revelação de sua orientação sexual ou identidade de gênero, especialmente dentro do seio familiar.

Ao mencionar uma conversa recente com Stephani sobre assumir o relacionamento para a família e para os outros, destaca-se aqui a importância da comunicação e do apoio mútuo nesse processo de negociação da identidade e da visibilidade LGBTQIAPN+ na escola.

Gabrieli também mostra uma certa preocupação em explicitar ou demonstrar os afetos em público pois está, enfatiza que algumas coisas não precisam ser explicadas sempre, sugerindo um desejo por privacidade e autonomia na vivência de seu relacionamento afetivo. Esse ponto mostra a importância do respeito à individualidade e à autonomia das pessoas LGBTQIAPN+, bem como da valorização de suas escolhas pessoais e formas de expressar sua identidade. Stephani também como uma das entrevistadas, explicitou na entrevista a importância das relações escolares para a construção deste relacionamento.

> A Gabrieli é a minha paixãozinha desde o ano passado, já tinha algumas trocas de olhares mas até então não tinha ficado com meninas, começou comigo chamando ela de minha paixão e então começamos conversar nos recreios, e começou com abraços até a gente se encontrar em alguns lugares antes da aula e hoje estamos quase namorando, só falta alinhar

> algumas coisas. Diria que estamos ficando sério, começando um relacionamento. (Stephani, 2023)

Ao analisar o discurso da Stephani em relação ao relacionamento com Gabrieli, podemos observar uma narrativa que se entrelaça com o relato anterior de Gabrieli, oferecendo uma perspectiva de complemento sobre a vivência do relacionamento afetivo inserido na cultura escolar.

Stephani revela sua atração por Gabrieli, descrevendo-a como sua "paixãozinha". Esse termo carrega uma carga emocional significativa, indicando uma conexão profunda entre as duas jovens. Essa expressão de afeto destaca a importância da identidade afetiva na construção e vivência dos relacionamentos LGBTQIAPN+.

Esse aspecto de começar a se conhecer quanto a sua orientação sexual na escola reflete a experiência de muitas pessoas LGBTQIAPN+ que passam por um processo de autoconhecimento e aceitação da sua identidade sexual ao longo do tempo, e a cultura escolar ajuda com estas questões.

A entrevistada descreve uma evolução gradual do relacionamento com Gabrieli, desde as trocas de olhares até os abraços nos recreios e os encontros antes da aula. Essa progressão evidencia a construção gradual de intimidade e conexão emocional entre as duas jovens, ressaltando a importância dos espaços escolares como locais de interação e desenvolvimento de relacionamentos afetivos. Ao relacionar os dois discursos, de Stephani com o de Gabrieli, podemos observar semelhanças e diferenças nas experiências vividas por essas duas jovens LGBTQIAPN+. Essas narrativas oferecem uma visão abrangente das experiências e vivências das pessoas LGBTQIAPN+ dentro da cultura escolar, contribuindo para uma compreensão mais completa e empática da diversidade de experiências e perspectivas.

Quanto ao sofrimento ou não de homofobia, a análise do discurso de Stephani traz pontos semelhantes ao de Gabrieli, pois estas, percebem homofobia nos olhares e nas falas. Gabrieli afirmou como supracitado, falas homofóbicas na fala de colegas, já Stephani cita uma sala bifóbica, vinda de uma professora.

> A professora me perguntou como que eu me relacionava com meninos e agora me relaciono com meninas, disse que eu tenho que me decidir se gosto de homens ou mulheres e disse que não tem como gostar das duas coisas, que tenho que decidir qual lado quero seguir. (Stephani, 2023)

A fala da professora revela uma atitude preconceituosa e discriminatória em relação à identidade e orientação sexual da estudante, demonstrando a falta de compreensão e respeito pela diversidade de experiências e vivências LGBTQIAPN+. Existe na fala da professora uma pressão para a conformidade. Ela demonstra uma visão binária e heteronormativa da sexualidade, ao sugerir que Stephani deve "decidir" se prefere se relacionar com homens ou mulheres. Essa abordagem ignora a fluidez e diversidade da orientação sexual, impondo uma expectativa de conformidade com padrões normativos e excluindo a possibilidade de uma identidade bissexual ou pansexual.

Ao afirmar que "não tem como gostar das duas coisas", a professora invalida a experiência e identidade da menina, sugerindo que sua orientação sexual é inválida ou impossível de ser vivida. Esse tipo de afirmação desconsidera a autenticidade da bissexualidade e contribui para o estigma e a marginalização dessas identidades. Para além disso, a professora ainda impõe um padrão normativo de identidade e relacionamento, ao sugerir que Stephani deve escolher um "lado" a seguir. Essa imposição de padrões reforça estereótipos e expectativas sociais restritivas, limitando a liberdade de expressão e identidade das pessoas dessa população.

Em contrapartida a esta situação, a estudante cita o acolhimento que ela recebeu das coordenadoras pedagógicas quando souberam do namorando das duas alunas, conversando e entendendo junto com elas o relacionamento para evitar que elas sofressem algum tipo de preconceito. na citação apresento dois nomes fictícios para as coordenadoras pedagógicas. sendo estes, “Juliana” e “Cláudia”.

> A Juliana e a cláudia me acolheram de uma maneira que me deixou muito feliz. Quando souberam do meu namoro com a Gabrieli, me chamaram para conversar e falar que elas estavam ali se eu ou a Gabrieli precisasse de alguma coisa. (Stephani, 2023)

A forma como a estudante descreve suas interações com as coordenadoras pedagógicas demonstra sua percepção sobre o apoio por parte dessas figuras de autoridade. A forma como Stephanie se sente em relação às suas interações com as coordenadoras pedagógicas pode ter um impacto significativo em sua autoestima e bem-estar emocional.

Ela se sentiu apoiada e valorizada, isso fortalece sua confiança e senso de pertencimento na escola. É fundamental que a equipe pedagógica seja sensível às necessidades e experiências dos estudantes LGBTQIAPN+ e esteja comprometida em criar um ambiente escolar seguro, acolhedor e livre de discriminação.É de suma importância que a escola esteja presente, e faça trabalhos de acolhimento às pessoas LGBTQIAPN+ que sofrem por sua identidade de gênero ou orientação sexual.

Felipe relata a questão da sexualidade na escola e quais obstáculos enfrentou no seu caminho conta a homofobia o *bullying* e nas suas vivências LGBTQIAPN+.

> Na escola eu sofri de bulying no ensino fundamental, pois os meninos riam de mim por eu ter trejeitos e jeitos femininos, já no ensino médio o acolhimento foi maior, tanto por parte dos meus colegas como dos professores e da escola, agora no segundo ano me sinto acolhido pela coordenadora cláudia, que sempre conversa comigo sobre as questões LGBTs e como me sinto na escola. (Felipe, 2023)

A fala retrata uma jornada marcada por de acolhimento e discriminação em relação à identidade de gênero e orientação sexual do indivíduo, com uma clara mudança ao longo dos anos escolares.

No ensino fundamental, o entrevistado relata ter enfrentado bullying devido aos seus trejeitos e comportamentos considerados femininos pelos colegas. Essa experiência reflete a prevalência de estereótipos de gênero e a falta de tolerância em relação à diversidade de expressões de gênero na escola. O fato de ser alvo de zombarias por parte dos meninos evidencia a percepção e a reprodução de normas de masculinidade hegemônica , que excluem e marginalizam aqueles que não se enquadram nesses padrões.

Entretanto, no ensino médio, o entrevistado relata uma mudança positiva em relação ao acolhimento por parte dos colegas, professores e da nova própria escola. É interessante notar que, no segundo ano, o entrevistado destaca o papel específico da coordenadora Cláudia no seu sentimento de acolhimento. A menção ao diálogo aberto sobre questões LGBQIAPN+ e o cuidado em verificar como o entrevistado se sente na escola demonstra uma postura de apoio e preocupação por parte da coordenadora.

Quanto a visão escolar, Douglas traz aspectos diferentes dos outros entrevistados quanto a algumas questões como por exemplo, trabalhos desenvolvidos em uma escola que estudou.

> Eu lembro de um trabalho que foi bem marcante para mim, não lembro bem a disciplina mas acho que foi filosofia. Era uma tema mais livre, mas tinha pautas para fazer nesse trabalho, e as pautas a seguir eram preconceito, religião e sexualidade. Fizemos cartazes, apresentação, fizemos uma encenação de agressão e explicamos sobre a homofobia. Foi um trabalho muito marcante para mim e para outras pessoas. (Douglas, 2023)

A fala de Douglas revela uma experiência significativa e impactante em seu envolvimento com questões relacionadas à comunidade LGBT+ em um contexto acadêmico. Aqui estão alguns pontos de análise. Aqui, o entrevistado mostra um engajamento e uma empolgação quanto a temas relevantes voltado para a questão sobre o preconceito e sentiu-se a vontade para falar da homofobia e questões LGBTQIAPN+. O trabalho abordava questões de preconceito, religião e sexualidade. Isso sugere um interesse genuíno em temas sociais e uma disposição para se envolver em discussões importantes sobre diversidade e inclusão, no caso dele de discutir as questões que relacionam a sua construção social.

As atividades realizadas durante o trabalho, incluindo a criação de cartazes, apresentações e até mesmo uma encenação para demonstrar a realidade da homofobia, apresenta metodologias que visam sensibilizar e conscientizar os colegas de classe e, potencialmente, a comunidade escolar sobre a importância de combater o preconceito e promover a diversidade na escola.

O trabalho não apenas teve um impacto pessoal significativo para o entrevistado, mas ele destaca que também foi marcante para outras pessoas. Isso sugere que a abordagem escolhida foi eficaz não apenas em transmitir uma mensagem, mas também em gerar empatia e reflexão entre os colegas de classe. Logo, aparece aqui a discussão, sobre a importância de discutir as questões relacionadas à diversidade e também especificamente às questões LGBTQIAPN+.

Embora Douglas apresentou na sua fala a felicidade em discutir tais temas, estes, também se torna necessário, pois o mesmo também relata, preocupações quanto ao preconceito na escola. Isto demonstra a importância de discutir tais temas.

> O ambiente escolar foi o ambiente onde eu digo tive a máxima preocupação sabe, o máximo do meu medo com relação ao preconceito, eu por ser um menino gay, afeminado que usa maquiagem, sempre com a sobrancelha feita que gosta de usar maquiagem, usa unha, unha pintada, então, o preconceito dentro do colégio sempre esteve presente na minha vida. Nunca passei por agressão nada desse tipo, digo física, mas verbal e psicológica tive muito. Desde o primeiro ano sempre ouvi brincadeiras com a homofobia e preconceitos, foi um período difícil pois foi o momento de aceitação da família e escola. Eu me sentia muito vulnerável nesse período. (Douglas, 2023)

Todos os entrevistados falaram das preocupações e olhares ou falas vindas de colegas ou profissionais da escola e que isso os machuca e os discrimina. Entretanto, Douglas traz outra fala quanto ao apoio que sempre teve na escola da equipe diretiva e acolhimento dos amigos.

> Sempre tive total suporte da equipe diretiva das escolas que estudei, sempre estiveram ali falando que é preconceito que é crime a homofobia, sempre tive amigos maravilhosos que me acolheram e estiveram comigo me acalmando nos momentos mais difíceis. (Douglas, 2023)

A fala de Douglas sugere que as escolas em que ele estudou proporcionaram um ambiente de apoio e segurança, onde ele se sentiu protegido e respeitado. Esse ambiente favorável não apenas ajudou Douglas a enfrentar o preconceito quando ele surgiu, mas também contribuiu para o seu desenvolvimento.

Ao mencionar o suporte que recebeu da equipe diretiva das escolas e dos amigos, Douglas destaca a importância de se opor ativamente ao preconceito e promover a igualdade e o respeito. Essa resistência coletiva ao preconceito contribui para a construção de comunidades mais inclusivas e solidárias.

CONSIDERAÕES FINAIS

Esta dissertação buscou compreender uma jornada através das lutas históricas das pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil, desde os anos de 1964 até os dias atuais, proporcionando uma visão panorâmica das batalhas travadas por essa comunidade em busca de reconhecimento e uma vida digna. Ao longo desse percurso, exploramos também o fenômeno das Paradas Gays em Criciúma e em Santa Catarina, examinando como esses eventos se tornaram espaços de resistência, celebração e visibilidade para as diversidades de gênero e sexualidade. Direcionamos nosso olhar para a presença das pessoas LGBTQIAPN+ na cultura escolar, destacando os desafios e as oportunidades enfrentadas por esses indivíduos dentro do ambiente educacional. Analisamos como as políticas e alguns discursos moldam as experiências desses jovens, muitas vezes contribuindo para a reprodução de estereótipos, preconceitos e discriminações vinda da escola, da família e da sociedade de modo geral.

Por fim, concentrou-se na análise de discurso de quatro jovens LGBTQIAPN+ de uma escola da rede estadual de Santa Catarina, localizada em Criciúma. Através das vozes desses estudantes, pudemos acessar narrativas pessoais, reflexões profundas e estratégias de enfrentamento em um contexto marcado pela heteronormatividade e pela cisnormatividade predominantes.

À luz dessas reflexões, algumas considerações emergem como fundamentais para a compreensão e a transformação das realidades enfrentadas pelas LGBTs nas escolas e na sociedade em geral. Primeiramente, é crucial reconhecer e valorizar a diversidade das identidades e trajetórias entrevistadas. Além disso, é importante fortalecer políticas e práticas educacionais que garantam a segurança, o bem-estar e o pleno desenvolvimento de todos os estudantes, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Isso inclui a implementação de currículos escolares que abordem de forma positiva a diversidade sexual e de gênero, a capacitação de profissionais da educação para lidar com questões relacionadas à diversidade e a criação de espaços seguros e afirmativos para o diálogo.

Além de compreender a importância das questões LGBTQIAPN+ inseridas na cultura escolar, esta dissertação evidenciou a necessidade urgente de políticas educativas inclusivas. Os resultados obtidos indicam que a promoção de

um espaço escolar inclusivo e seguro não apenas beneficia os alunos LGBTQIAPN+, mas também contribui para uma cultura de respeito e aceitação que beneficia toda a comunidade escolar. A partir das análises realizadas, fica claro que a educação é uma ferramenta poderosa para a transformação social, podendo desconstruir estereótipos e fomentar a empatia e a compreensão mútua.

Dessa forma, recomenda-se que as políticas educacionais sejam continuamente revisadas e aprimoradas para garantir que todos os alunos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero, tenham acesso a uma educação de qualidade e a um ambiente escolar livre de discriminação. Em futuras pesquisas, seria interessante aprofundar o estudo sobre as práticas pedagógicas que têm se mostrado eficazes na promoção da inclusão LGBTQIAPN+, além de explorar o impacto de diferentes abordagens em diversos contextos regionais e culturais. Outro ponto a ser investigado é a formação dos professores, buscando entender como melhor prepará-los para lidar com a diversidade já que algumas narrativas analisadas aparece a questão de que muitas vezes o funcionário da escola acaba por sendo também lgbtfóbico, com ou sem intenção.

Conclui-se esta dissertação reafirmando o compromisso com a luta por uma sociedade mais justa e igualitária. Que as vozes da população LGBTQIAPN+ continuem a se erguer e que as suas experiências e vivências sejam cada vez mais reconhecidas e valorizadas. Como se destacou nas eleições de 2018: "Enquanto houver resistência, as LGBTQIAPN+ serão resistências". Que essa resistência se traduza em conquistas concretas e duradouras, permitindo que todos possam viver com dignidade, respeito e igualdade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo; MOTA, Catarina Pinheiro. **Identidade de género e orientação sexual na adolescência: natureza, determinantes e perturbações.** Revista Eletrónica de Educação e Psicologia, v. 2, p. 45-61, 2015.

ARAÚJO, Erika Barbosa de; THEOPHILO, Glaucia Lima de Magalhães. TRANSGÊNEROS: ainda incompreendidos?. **Revista Docência e Cibercultura**, [S.L.], v. 3, n. 1, p. 73-101, 2 jun. 2019. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. http://dx.doi.org/10.12957/redoc.2019.39490.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: ensino médio. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf Acesso em: 26 set. 2022.

BRASIL. **Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989.** Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 6 jan. 1989. Disponível em: <L7716 (planalto.gov.br)>. Acesso em: 14/07/2023.

BRASIL. **Projeto de Lei do Senado N° 612, de 2011**: Altera os arts. 1.723 e 1.726 do Código Civil, para permitir o reconhecimento legal da união estável entre pessoas do mesmo sexo.. Brasilia, Disponível em: https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/102589. Acesso em: 28 maio 2024.

BRASIL. **Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016.** Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 29 abr. 2016. Disponível em:https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm. Acesso em: 07/02/ 024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833. Disponível em: L9394 (planalto.gov.br). Acesso em: 23/03/2023.

BACCI, Irina Karla. **Vozes lésbicas no Brasil: a busca e os sentidos da cidadania** LGBT. 2016.

BARBOSA, Fernanda Lopes. CLARK, Giovani; **A (in)visibilidade da comunidade LGBT e o planejamento estatal.** Revista de Direito, Economia e Desenvolvimento Sustentável, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 55-70, 2017.

BARP, Luiz Fernando Greiner, et al. **O surgimento do movimento LGBT no Oeste de Santa Catarina: desafios e lutas na construção da cidadania.** História: Questões & Debates, v. 70, n. 1, p. 301-330, 2022.

BASTOS, Francisco Inácio. **Aids na terceira década**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 104 p.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 15, p. 679-684, 2006.

CARTACAPITAL. **Prefeito de Criciúma diz não admitir 'viadagem' e demite professor por exibir videoclipe ... Leia mais em https://www.cartacapital.com.br/educacao/prefeito-de-criciuma-diz-nao-admitir-viadagem-e-demite-professor-por-exibir-videoclipe/. O conteúdo de CartaCapital está protegido pela legislação brasileira sobre direito autoral. Essa defesa é necessária para manter o jornalismo corajoso e transparente de CartaCapital vivo e acessível a todos**. 2021. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/educacao/prefeito-de-criciuma-diz-nao-admitir-viadagem-e-demite-professor-por-exibir-videoclipe/. Acesso em: 22 maio 2024.

ENGEPLUS. **Parada LGBTQIA+ reúne público no Parque Altair Guidi**. 2021. Disponível em: https://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2021/parada-lgbtqia-reune-publico-no-parque-altair-guidi. Acesso em: 22 maio 2024.

G1. **Comentários de Levy Fidelix sobre gays geram indignação nas redes**. 2014. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/09/comentarios-de-levy-fidelix-sobre-gays-geram-indignacao-nas-redes.html. Acesso em: 28 maio 2024.

G1. **Parada LGBTI+ de Florianópolis acontece neste domingo com Lexa e outras atrações**. 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/09/10/parada-lgbti-de-florianopolis-acontece-neste-domingo-com-lexa-e-outras-atracoes.ghtml. Acesso em: 22 maio 2024.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. **De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro.** Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana, n. 3, p. 54-81, 2009.

FERREIRA, Eduarda. **Questões de género e orientação sexual em espaço escolar.** In: SILVA, Joseli Maria (Org.). 2011. p. 43-65.

FIGUEREDO, Alexandre Medeiros. **Trajetórias construídas por professores/as LGBT na educação básica.** 142p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do extremo sul catarinense, Santa Catarina, Criciúma, SC, 2022.

FLORIPA.LGBT (org.). **Calendário 2023 das Paradas LGBT em cidades de SC: veja a lista atualizada**. 2023. Disponível em: https://floripa.lgbt/agenda-de-eventos/paradas-lgbti/agenda-paradas-lgbt-sc/. Acesso em: 22 maio 2024.

FRANÇA, E.F. **Resistência e visibilidade lésbica na redemocratização: uma análise interseccional do boletim ChanacomChana (1981 1987).** 168p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade.** 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 2 v.

GREEN, James Naylor (Org.); *et al*. **História do Movimento LGBT no Brasil.** São Paulo: Alameda, 2018. Revista de História da UEG, v. 9, n. 1, p. e912016-e912016, 2020.

HARTMANN, Jennifer Morel et al. **Transições e resistências: empregabilidade de mulheres trans e travestis em Florianópolis.** 2017. 151p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia política, Universidade Federal de Santa Catarina, Criciúma, SC, 2022.

KOVALESKI, Douglas Franscisco; TESSER JÚNIOR, Zeno Carlos. **Um estudo sobre a formação do Conselho Municipal LGBT em Florianópolis**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 2017. 24 p. OFICINA DO CES. Disponível em: https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/43719/1/Um%20estudo%20sobre%20a%20forma%c3%a7%c3%a3o%20do%20Conselho%20Municipal%20LGBT.pdf. Acesso em: 22 maio 2024.

LANDO, Giorge André *et al*. A FLUIDEZ DO GÊNERO E O DIREITO À NÃO IDENTIFICAÇÃO DO SEXO BIOLÓGICO. **Feminismos**, Salvador, v. 6, n. 1, p. 46-56, abr. 2018. Quadrimestral. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/41727/ve_Giorge_Andre_et_al_2018.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 22 maio 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista.** Petrópolis: vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, escola e identidade. Educação & Realidade,** v. 25, n. 2, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 96 p.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

ND MAIS. **Vereadora acusa prefeito de Criciúma de homofóbico e promete denúncia ao MP**. 2021. Disponível em: https://ndmais.com.br/educacao/vereadora-acusa-prefeito-de-criciuma-de-homofobico-e-promete-denuncia-ao-mp/. Acesso em: 22 maio 2024.

OKITA, H. **Homossexualidade: Da opressão a libertação.** São Paulo, 4ª edição. 2010.

OLIVEIRA, L.F. **Quem tem medo de sapatão? Resistência lésbica à Ditadura Militar (1964 1985).** Revista Periódicus, v. 1, n. 7, p. 06-19, 2017.

OLIVEIRA, Andreza. **Arte/educação com mulheres vítimas de violência: Um estudo sobre o projeto Adinkras no município de Forquilhinha/Santa Catarina.** 124p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do extremo sul catarinense, Santa Catarina, Criciúma, SC, 2023.

PASSOS, Gladston Oliveira; DE MELO, Marcos Ribeiro. **Muito mais que uma festa: As Paradas LGBT de Sergipe como um espaço de produção de saúde.** Cadernos de Gênero e Diversidade, v. 8, n. 2, p. 38-66, 2022.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. **A força do autoritarismo: a incompletude da democracia no Brasil e o retrocesso dos direitos humanos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

QUEIROZ, Igor Henrique Lopes de. **A Capital Gay do Brasil: política, turismo, economia e a construção de imagens acerca de Florianópolis-SC através das páginas jornalísticas** (1999–2006). Revista Santa Catarina em História, v. 8, n. 2, p. 1-21, 2014.

QUINALHA, Renan. **O movimento LGBT brasileiro: 40 anos de luta.** 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018.

RODRIGUES, Luciana Miranda; MACHADO, Cristiane Gouvêa; MAKSUD, Ivia. **Doação de sangue de homens gays e bissexuais: contextualizando a aprovação do Supremo Tribunal Federal.** Texto & Contexto - Enfermagem, v. 32, p. e20220148, 2023.

ROMANOS, in: BÍBLIA. **Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional.** São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

SANTA CATARINA. Secretaria do estado da educação. PCSC. **Proposta curricular de Santa Catarina: formação integral na educação básica.** Florianópolis. Secretaria de estado da educação. 2014.

SANTA CATARINA. **Currículo base do ensino médio do território catarinense. Caderno 1 - Disposições gerais**. Florianópolis. Secretaria de estado da educação. 2021.

SAVIANI. N., **Escola e luta de classe na concepção marxista de educação.** Germinal: marxismo e educação em debate. Londrina, v. 3, n. 1, p. 7-14; fev. 2011.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares. Posfácio de Richard Miskolci. Tradução: Heci Regina Candiani. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 96 p. (Coleção Argos, 2).

SOUZA, E. C. (2015). **Direitos humanos e diversidade sexual na escola: homofobia, trabalho docente e cotidiano escolar.** Conjectura: Filos. Educ., 20(especial), 198 – 220.

STF. SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL.**Transexuais e travestis com identificação com gênero feminino poderão optar por cumprir pena em presídio feminino ou masculino, decide Barroso.** 2021. Portal do SFT. Disponível em: Supremo Tribunal Federal (stf.jus.br). Acesso em: 20/10/2023.

SUTIL, F.M. Guarujá: **Perspectivas para o público LGBT.** Guarujá/SP. 2011.

TRINDADE, Ronaldo. **O mito da multidão: uma breve história da parada gay de São Paulo.** Revista Gênero, v. 11, n. 2, 2011.

VASCONCELOS, M. S. **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 25, n. 87, p. 616-620, maio/ago. 2004.